



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Stéfanny Santos

Biblioteconomia Social e incentivo à leitura:
um estudo sobre projetos à luz de uma teoria emergente

Brasília

2025

STÉFANNY SANTOS

Biblioteconomia Social e incentivo à leitura:
um estudo sobre projetos à luz de uma teoria emergente

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rabello

Brasília
2025

CIP - Catalogação na Publicação

SS237b Santos, Stéfanny .
Biblioteconomia Social e incentivo à leitura: um estudo sobre projetos à luz de uma teoria emergente / Stéfanny Santos;

Orientador: Rodrigo Rabello. Brasília, 2025.
86 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Biblioteconomia) Universidade de Brasília, 2025.

1. biblioteconomia social. 2. incentivo à leitura. 3. biblioteconomia emergente. 4. biblioteconomia tradicional. I. Rabello, Rodrigo, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Biblioteconomia social e incentivo à leitura: um estudo sobre projetos à luz de uma teoria emergente

Autor(a): Stéfanny Santos

Monografia apresentada em **4 de abril de 2025** na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a): Dr. Rodrigo Rabello da Silva (FCI/UnB)

Membro Interno: Dra. Michelli Pereira da Costa (FCI/UnB)

Membro interno: Dr. Fernando César Lima Leite (FCI/UnB)



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Rabello da Silva, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 08/04/2025, às 22:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Michelli Pereira da Costa, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/04/2025, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando César Lima Leite, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/04/2025, às 20:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **12616346** e o código CRC **E3AC061E**.

Dedico a minha querida avó, Antônia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pois acreditar e ter fé foi o que me fez chegar até aqui.

À minha mãe, Esther, por ter feito tanto, por ter cuidado de mim com tanto carinho e amor durante toda a minha vida, por ter me apoiado na decisão de mudar de cidade para fazer faculdade e por ter sido compreensiva em momentos tão difíceis.

A toda a minha família, tios e primos, mas principalmente aos meus tios, Raimundo e Linda, por terem me acolhido em sua casa no meu primeiro ano de faculdade, e à minha prima Rayane, pela paciência ao me ajudar com algumas coisas que eram tão novas para mim.

Aos amigos que fiz durante esse tempo de faculdade: amigos de curso, amigos de matérias, amigos do forró, amigos da CEU. Mas agradeço, principalmente, às minhas primeiras colegas de apartamento quando entrei na Casa do Estudante: Estefânia, Thaynan e Tainá. Todo o percurso foi bem mais leve por ter sido compartilhado com vocês. Obrigada por todos os incentivos e palavras de apoio, pelos momentos de felicidade e tristeza divididos. Serão essas as memórias que lembrarei no futuro, quando pensar na CEU. Agradeço também à Luísa, a quem, às vezes, esqueço que não morei junto.

Às minhas queridas amigas de Goiânia, que não deixaram nossa amizade esmaecer, apesar da distância. Obrigada por todo o carinho e companheirismo. Agradeço, especialmente, a Ludmila, Amanda e Sarah, por me manterem sempre por dentro das notícias de Goiânia e por me fazerem sentir como se eu sempre estivesse com elas.

À minha irmã, Rayssa, por compreender tão bem alguns dos meus sentimentos e por me ajudar de maneiras que nenhuma outra pessoa conseguiria.

Ao meu namorado, Gustavo, por ter sido meu maior apoio nesta fase final da faculdade. Obrigada por sua compreensão, amor, cuidado e atenção, e por ter me ajudado de tantas formas.

A toda a equipe da Biblioteca Paulo Bertran, por todo o incentivo, pelas palavras de apoio e pelos momentos felizes. Simplesmente, o estágio que nunca esquecerei.

A todo o corpo docente da Faculdade de Ciência da Informação e aos professores do curso de Biblioteconomia, que me fizeram chegar onde estou hoje e que me ensinaram tanto sobre esse curso maravilhoso e suas várias facetas, tanto a parte social quanto a parte técnica.

Aos professores Fernando Leite e Michelli Costa, pelas inestimáveis contribuições realizadas durante a banca de defesa.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Rodrigo Rabello, por ter me acompanhado nessa jornada e me guiado para que eu fizesse o meu melhor.

*“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende
o que ensina.”*

Cora Coralina

RESUMO

Os projetos de incentivo à leitura desempenham um papel central na promoção do acesso à informação, especialmente entre públicos com acesso limitado a bibliotecas tradicionais. Este estudo teve como objetivo analisar em que medida os projetos Carro-Biblioteca, Arvoreteca e Barco-Biblioteca – autodeclarados no escopo da biblioteconomia social – convergem ou são orientados por pressupostos que fundamentam uma teoria emergente da biblioteconomia. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica baseada na revisão narrativa da literatura e na aplicação de um questionário como instrumento de coleta de dados. A análise evidenciou o predomínio de um viés tecnicista na biblioteconomia e a necessidade de ampliar sua abordagem, incorporando a mediação da leitura e múltiplas formas de acesso ao conhecimento. Ademais, examinou-se o impacto das iniciativas Carro-Biblioteca, Arvoreteca e Barco-Biblioteca, bem como os desafios que afetam sua sustentabilidade. Os achados indicam que tais projetos exercem impactos positivos nos participantes e voluntários, fomentando o senso de pertencimento e satisfação. Entretanto, enfrentam obstáculos estruturais, sobretudo relacionados à escassez de financiamento e apoio institucional, comprometendo sua continuidade. Por fim, investigou-se sua vinculação com paradigmas tradicionais ou emergentes da biblioteconomia. Constatou-se que a Arvoreteca se aproxima de modelos convencionais, ainda que apresente traços de inovação, enquanto o Barco-Biblioteca manifesta maior afinidade com abordagens inovadoras, alinhadas à concepção de ação cultural proposta por Victor Flusser.

Palavras-chave: biblioteconomia social; incentivo à leitura; biblioteconomia emergente. biblioteconomia tradicional.

ABSTRACT

Reading promotion projects play a central role in fostering access to information, particularly among audiences with limited access to traditional libraries. This study aimed to analyze the extent to which the projects Carro-Biblioteca, Arvoreteca, and Barco-Biblioteca—self-declared within the scope of social librarianship—converge or are guided by principles that underpin an emerging theory of librarianship. To this end, a methodological approach was adopted based on a narrative literature review and the application of a questionnaire as a data collection instrument. The analysis highlighted the predominance of a technicist bias in librarianship and the need to expand its approach by incorporating reading mediation and multiple forms of access to knowledge. Furthermore, the impact of the Carro-Biblioteca, Arvoreteca, and Barco-Biblioteca initiatives was examined, as well as the challenges affecting their sustainability. The findings indicate that these projects have positive impacts on participants and volunteers, fostering a sense of belonging and satisfaction. However, they face structural obstacles, primarily related to a lack of funding and institutional support, which jeopardizes their continuity. Finally, their alignment with traditional or emerging paradigms of librarianship was investigated. It was found that Arvoreteca is closer to conventional models, although it exhibits some innovative elements, whereas Barco-Biblioteca shows greater affinity with innovative approaches, aligned with the concept of cultural action proposed by Victor Flusser.

Keywords: social librarianship; reading encouragement, emergent librarianship. traditional librarianship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação entre objetivos e estratégias metodológicas.....	42
Quadro 2 - Atividades realizadas nas comunidades atendidas de acordo com os respondentes.....	48
Quadro 3 - Dificuldades enfrentadas na execução das atividades de acordo com os respondentes.....	49
Quadro 4 - Planejamento das atividades de acordo com os respondentes.....	49
Quadro 5 - Avaliação dos respondentes sobre receptividade dos participantes das atividades.....	51
Quadro 6 - Avaliação dos respondentes sobre construção de um conhecimento coletivo e troca entre os participantes.....	52
Quadro 7 - Pontos fortes e fracos do projeto de acordo com os respondentes.....	53
Quadro 8 - Avaliação dos respondentes sobre as características da “biblioteconomia social”.....	54
Quadro 9 - Principais contribuições de bibliotecário e/ou incentivador de leitura a um projeto.....	55
Quadro 10 - Avaliação dos respondentes sobre a neutralidade do mediador incentivador de leitura..	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Brapci - Base de Dados em Ciência da Informação

BN - Biblioteca Nacional

CNEX - Centro de Extensão

ECI - Escola de Ciência da Informação

EUA - Estados Unidos da América

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

ILPC - Instituto Ler para Crescer da Amazônia

INL - Instituto Nacional do Livro

LISTA – Information Science and Technology Abstracts

MG - Minas Gerais

ProIC – Programa de Iniciação Científica

RSB - Responsabilidade Social do Bibliotecário

RSE - Responsabilidade Social Empresarial

SiB - Sistema de Bibliotecas

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Problema	13
1.2 Justificativa	14
1.3 Objetivos	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Aspectos históricos da biblioteca e da biblioteconomia	16
2.1.1 Biblioteca	16
2.1.2 Biblioteca no Brasil	19
2.1.3 Biblioteconomia	21
2.1.4 Biblioteconomia no Brasil	23
2.2 Aproximações da biblioteconomia social a partir da mediação da informação	23
2.2.1 Biblioteconomia tradicional e emergente	23
2.2.2 Mediação da Informação	29
2.2.3 Biblioteconomia Social	33
3. FUNDAMENTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS	44
3.1 Pesquisa qualitativa, revisão narrativa e instrumento de coleta de dados	44
3.2 Ferramentas de busca em base de dados e análise dos dados	45
4. CONTEXTO E APRESENTAÇÃO DO CORPUS	47
4.1 Apresentação do corpus: as iniciativas	47
4.1.1 Arvoreteca	47
4.1.2 Carro-biblioteca	49
4.1.3 Barco-biblioteca	50
4.2 Resultados e discussões	52
4.2.1 Percepção dos proponentes e dos executores e/ou os resultados dos projetos junto às comunidades de interesse	62
4.2.2 Práticas de mediação de leitura em projetos de biblioteconomia social	63
4.2.3 Alinhamento dos projetos estudados	65
5. CONCLUSÃO	68
Referências	70

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problema

O tema deste trabalho trata sobre projetos de incentivo à leitura, com foco na abordagem emergente da biblioteconomia, visando saber se esses projetos estão sendo elaborados por perspectivas tradicionais da biblioteconomia social ou são orientados por perspectivas não-tradicionais.

Por perspectivas não-tradicionais, ou emergentes, compreende-se aquelas que não têm como enfoque pautado no funcionamento do sistema de informação, no caso, de uma biblioteca ou unidade de informação. Há, nesse sentido, o deslocamento do enfoque no acervo, para um foco direcionado à mediação da informação e da cultura, considerando aspectos como leitura (de modo amplo), apropriação e uso crítico da informação, tendo os mediadores a incumbência de não apenas satisfazer a necessidade de informação, mas provocar o usuário e o não-usuário para que sejam instigadas novas necessidades e pensamento crítico (Almeida Junior, 2015; Almeida Junior; Rabello, 2022; Rabello, 2023).

Considerando, especificamente, alguns textos clássicos para se pensar a perspectiva não-tradicional ou emergente da biblioteconomia (Flusser, 1980; 1983), faz-se oportuno observar que a ideia de biblioteconomia social – ou mesmo o uso do termo – é controversa e não necessariamente encontra-se sob esse espectro emergente. Ela – a denominada biblioteconomia social – consiste em uma resposta à necessidade de problematizar o tecnicismo, ou seja, o uso da técnica pela técnica, assim como os modos de atuação em espaços e comunidades historicamente negligenciados pelo campo. No entanto, o conceito também corre o risco de ser interpretado como uma tautologia, uma vez que se pode argumentar que a biblioteconomia, por definição, é um campo teórico-social e, portanto, orientado para práticas sociais.

À luz deste tema, a ideia de se desenvolver esta pesquisa surgiu da necessidade de entender como projetos de incentivo à leitura estão dentro de uma perspectiva tradicional ou não-tradicional da biblioteconomia, e como esses projetos podem contribuir socialmente, podendo auxiliar futuros trabalhos na área de incentivo à leitura na biblioteconomia social.

Considerando a proposição sobredita, há o interesse de responder a seguinte pergunta: projetos de incentivo à leitura – autodeclarados no âmbito da biblioteconomia social –

convergem ou são orientados por pressupostos direcionadores de uma teoria biblioteconômica emergente?

1.2 Justificativa

No âmbito da biblioteconomia social existem muitos projetos propostos e/ou realizados. Esses projetos são importantes, pois buscam alcançar, de muitas formas, pessoas que necessitam de informação, mas que, por vezes, não dispõem de aparatos necessários para obtê-la. Um desses tipos de projeto é o dedicado ao incentivo à leitura.

A pesquisa se justifica na medida em que considera iniciativas de projetos desenvolvidos no bojo da biblioteconomia social e que buscam incentivar a leitura para públicos por vezes marginalizados ou em situação de vulnerabilidade social. Mas há também um interesse de se contribuir no sentido teórico.

Existe, de antemão, o entendimento (pressuposto) de que nem sempre iniciativas realizadas no contexto da biblioteconomia social estão alinhados ou têm no horizonte uma fundamentação convergente a pressupostos de perspectivas emergentes. Nesse caso, a biblioteconomia social, mesmo se apresentando como supostamente emergente, pode, contraditoriamente, reproduzir pressupostos de uma biblioteconomia tradicional.

1.3 Objetivos

Geral

- Analisar se projetos de incentivo à leitura – autodeclarados no âmbito da biblioteconomia social – convergem ou são orientados por pressupostos direcionadores de uma teoria da biblioteconomia emergente.

Específicos

- Interpretar a percepção dos proponentes e dos executores e/ou os resultados dos projetos junto às comunidades de interesse.
- Comparar as práticas de mediação de leitura em projetos de biblioteconomia social, analisando os desafios e limitações das iniciativas.
- Investigar se os projetos estudados se alinham em uma abordagem tradicional ou emergente da biblioteconomia social.

O referencial teórico deste trabalho discute os aspectos históricos da biblioteca e da biblioteconomia, contextualizando elementos de sua evolução tanto em nível global quanto no Brasil. Inicialmente, são abordadas as origens e transformações das bibliotecas e da biblioteconomia, ressaltando suas particularidades no cenário brasileiro. Em seguida, o foco se volta para a biblioteconomia social, explorando suas aproximações com a mediação da informação. Para isso, são analisadas as distinções entre biblioteconomia tradicional e emergente, além do papel da mediação na construção de práticas informacionais e no incentivo à leitura. Por fim, são apresentadas as concepções de leitura no âmbito da biblioteconomia social, evidenciando sua relevância para projetos voltados à democratização do acesso ao conhecimento, bem como para a mediação da informação e da leitura.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos históricos da biblioteca e da biblioteconomia

2.1.1 Biblioteca

Ortega (2004) disserta sobre a existência da primeira coleção organizada de documentos. Esta coleção data do terceiro milênio a.C e pode ser considerada a primeira biblioteca primitiva, a Biblioteca de Ebla, na Síria, que possuía um acervo bem organizado em estantes, de acordo com o assunto. Por sua organização, ela seria considerada como o lugar onde nasceram os princípios da biblioteconomia.

Porém, há controvérsias em relação ao tema de qual foi a primeira biblioteca, Tanus (2018) apresenta uma outra perspectiva. Para a autora, a primeira biblioteca foi a Biblioteca de Nínive, fundada pelo rei assírio Assurbanipal II, “Esta biblioteca, considerada como a mais antiga na história das bibliotecas, [foi] descoberta por meio de escavações arqueológicas, no final do século XIX [...]” (Tanus, 2018, p. 261). As duas Bibliotecas, Nínive e Ebla, possuíam a mesma característica de ter seu acervo composto por tábuas de argila (Tanus, 2018).

Uma das bibliotecas mais famosas da antiguidade surge após essas bibliotecas, com um suporte diferente das anteriores, papiros, sendo esta instituição denominada de Biblioteca de Alexandria, no Egito (Tanus, 2018).

Essa biblioteca se manteve de pé apesar de muitas catástrofes, no contexto de sucessivos incêndios, como o primeiro em 48 a.C., durante a permanência de Júlio César; outro em 272 d.C., provocado pelo imperador Aureliano; um terceiro em 392 d.C., sob ordens de Teodósio I; e, por fim, sua destruição definitiva em 642 d.C., quando os muçulmanos, sob comando do califa Omar I, consumaram a queima de seus livros (Tanus, 2018).

Sua grande dimensão se devia ao decreto de que todo navio que parasse na cidade deveria ceder seus livros para que fossem copiados, com isso era pretendido que a biblioteca possuísse todo o conhecimento humano registrado (Ortega, 2004, p. 2).

Na Idade Média, os mosteiros e conventos ficaram responsáveis pela preservação do que se definia como biblioteca, o que fez com que elas estivessem ligadas à religião. Nesses mosteiros, existiam copistas, mas, aos poucos, essa tarefa foi sendo passada para oficinas especializadas (Santos; Rodrigues, 2014).

Em 1440 surgiu a imprensa de Gutenberg. Ortega (2004) explica que Gutenberg apresentou uma Bíblia impressa, na feira de Frankfurt, após vários aperfeiçoamentos. Essa

tecnologia permaneceu a mesma até o começo do século XX. No início, o ensino era realizado sob juramento de segredo, pois os documentos impressos se assemelhavam muito aos manuscritos, que tinham um custo mais elevado.

Com essa nova ferramenta houve uma revolução, pois aumentou a quantidade de livros no mercado, o que fez com que ele ficasse mais barato. Dessa forma, mais pessoas tiveram acesso aos livros, o que também contribuiu para que a igreja não fosse a única detentora da produção gráfica (Ortega, 2004).

Não havia grande diferenciação na Idade Antiga e Média entre museus, arquivos e bibliotecas, mas com a grande expansão dos livros, as bibliotecas passaram a ter um local separado apenas para tais objetos. Isso fez com que sua importância como um bem social aumentasse de relevância (Ortega, 2004).

Fonseca (2006) entende a ideia atual de biblioteca como um espaço que não tem como foco apenas o livro impresso em suporte papel como parte do acervo, mas também outras formas de suporte de cultura que possam somar àquele artefato. Para a autora, nessa nova visão, a biblioteca deixa de ser centrada em seu acervo, pensando agora em discussão e criação, rompendo com o modelo de biblioteca que tem seu uso apenas para pesquisa.

No século XVII, na Europa, as classes populares perceberam que era importante a educação formal e a partir disso a biblioteca pública começou a ser concebida como meio complementar à educação escolar (Fonseca, 2006).

Com a Revolução Francesa, a instrução elementar passa a ser obrigatória. Isso fez com que a biblioteca pública fizesse parte do processo educacional “[...] uma vez que, nesse período, abrir a biblioteca a todos passa a significar colocar a mesma a serviço da educação escolar.” É interessante observar que até “[...] esse período as bibliotecas públicas eram mantidas através do mecenato de alguns nobres e burgueses, instituições religiosas e educacionais.” (Fonseca, 2006, p. 22).

Após a Revolução Francesa, as bibliotecas públicas passaram a ser um espaço mais voltado para o acesso (Brettas, 2010, p. 108). Na Revolução Industrial, o papel da biblioteca, principalmente da pública, muda no sentido de dar mais espaço ao “leitor”, dessa forma se fazendo necessária a existência de mais profissionais qualificados (Tanus; Silva, 2019, p. 04).

Apenas por volta 1850, na Europa, o Estado assume a responsabilidade financeira pela leitura, por essa ser considerada de interesse social. Com esse novo vínculo, a biblioteca se torna parte do sistema educacional e cultural do Estado (Fonseca, 2006).

Fonseca analisa que os autores não estão totalmente em consenso quando se trata do assunto de como as bibliotecas públicas surgiram. Alguns apontam que foi a partir da

Revolução Industrial, pois havia necessidade de mão de obra qualificada, outros autores interpretam que a biblioteca pública passou a ter relevância a partir do advento da Revolução Francesa, e com as reivindicações, para o povo, que vieram com ela (Fonseca, 2006).

Ortega (2004) complementa a ideia de que a biblioteca começou a ter mais destaque no século XVII, na Europa e depois nos Estados Unidos da América, com o novo ideal de biblioteca, que era de acesso livre e gratuito aos acervos públicos.

Após esse período, a biblioteca começou a ser um símbolo de modernidade, pois contrastava com aquelas bibliotecas da antiguidade com o foco na preservação de acervos com acesso restrito. Então o foco no acesso público e amplo às bibliotecas deu novos ares para a biblioteconomia, pois cresciam os números de público, de livros e de periódicos (Santos; Rodrigues, 2014).

O direito de acesso ao conhecimento veio, de certa forma, com o Iluminismo, pois este influenciou a Revolução Francesa, que trouxe consigo o Estado de direito, resultando em inspiração e impulsionamento de muitas lutas por direitos. Porém, existia uma barreira para que esses direitos fossem exercidos, pois grande parte da população era analfabeta. As pessoas mais letradas faziam parte da nobreza e do clero, dessa forma, como maneira de contornar esse problema, surgiram os mediadores de leitura (Manguel, 1997).

Com a biblioteca atuando como local de aprendizagem e formação cultural, o objeto informação passa a percorrer um caminho para obtenção de um novo lugar, que vai além de preservar o conhecimento, passando a olhar para quem está utilizando essa ferramenta (Gomes, 2014).

Gomes (2014) chama esse período da história de “ponto de largada” para que a informação fosse entendida como objeto importante para a evolução social e renovação das ideias. Dessa forma, as bibliotecas começaram a ser vistas como um lugar importante para a socialização dos saberes (Gomes, 2014).

Siqueira (2010) também argumenta no sentido de como a mudança de pensamento que surgiu a partir do Renascimento, influenciou o modo como era encarado o conhecimento, havendo uma percepção do quão valioso ele era.

No campo científico, houve um grande crescimento com a Revolução Industrial e, quase dois séculos depois, com duas Guerras Mundiais no século XX, Gomes (2014) entende que a informação nesse período se torna um bem muito valioso, e que nesse momento é percebido a importância da biblioteconomia nos campos da organização, disseminação da informação e processos de acesso e uso, fazendo com que muitos investimentos fossem feitos para a área. Gomes explica que

A expansão das atividades científicas, o acelerado desenvolvimento tecnológico, as disputas de mercado e dos domínios políticos entre as nações repercutiram na produção e circulação da informação, gerando o fenômeno da explosão informacional, vetor da necessidade das atividades de mediação da informação. Frente a esse quadro de alta complexidade que perpassa todo o processo de produção e comunicação do conhecimento ganhou relevo a compreensão acerca da dinâmica da geração e uso da informação, o que motivou o aparecimento dos estudos em torno dos fluxos informacionais, nos quais os usuários adquiriam status de categoria determinante do processo, cuja satisfação de suas necessidades consiste em um dos elementos centrais e constitutivos das metas do trabalho com a informação. (Gomes, 2014, p. 155-156).

2.1.2 Biblioteca no Brasil

No Brasil, o acesso à informação foi marcado pelo privilégio de quem possuía mais condições financeiras. Com a vinda dos jesuítas, durante o período colonial, houve movimentos para que o acesso à palavra escrita fosse facilitado, mas esses foram movimentos isolados, pois o enfoque não estava na educação (Suaiden, 2000).

Apesar do foco não estar na educação, foi desse contexto que as primeiras bibliotecas surgiram, de lugares religiosos. Os livros foram trazidos nas malas dos primeiros missionários que vieram para o Brasil, sendo a primeira Biblioteca no Brasil uma implantada no Colégio da Bahia, pelos Jesuítas em 1568 (Rasteli, 2019).

Em 1807, a família real precisou deixar sua Corte em Lisboa e se mudar para o Brasil, mais especificamente, para o Rio de Janeiro, por conta da ameaça de invasão da França napoleônica em Portugal (Almeida, 2012). Com a família real veio sua Corte e seus bens mais valiosos. Uma parte desses bens valiosos eram os livros da Real Biblioteca (atualmente a Biblioteca Nacional Brasileira), mas muito foi perdido na pressa de chegar ao Brasil (Almeida, 2012).

A Biblioteca Nacional (BN) foi fundada em 1810, mas aberta ao público apenas quatro anos depois. Ela teve como primeiro local de funcionamento o Hospital da Ordem Terceira do Carmo, com instalações que não eram adequadas e eram bastante precárias. A segunda instalação da biblioteca também não atingiu nenhum novo patamar, sendo este um cemitério da mesma ordem do hospital (Almeida, 2012).

De acordo com Almeida (2012), em 1858, com a gestão do diretor beneditino, Frei Camilo de Monserrate, a Biblioteca foi transferida para um prédio, localizado na Rua do Passeio Público, e no centenário da vinda da família real para o Brasil, em 1910, a Biblioteca foi inaugurada em uma nova edificação.

Suaiden (2000), porém, observa que mesmo com a vinda da Biblioteca para o Brasil, isso não fez com que o acesso à informação fosse disponibilizado para todos. O autor explica que na Bahia, em 1811, “[...] Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco encaminhou um projeto ao governador da Capitania da Bahia, solicitando a aprovação do plano para a fundação da Biblioteca.” (Suaiden, 2000, p. 52). De acordo com Suaiden (2000), esse foi o primeiro projeto que se voltou para facilitar que a população tivesse acesso a livros. O plano foi aprovado e uma biblioteca foi construída no Colégio dos Jesuítas, em 1811. Esse projeto levou com que as próximas bibliotecas fossem construídas como iniciativas governamentais.

Existe uma divergência de ideias sobre qual foi de fato a primeira biblioteca pública do Brasil, pois Rasteli (2019) identifica que a primeira biblioteca pública foi uma biblioteca organizada a partir de livros desfeitos por D. João VI do Brasil.

Após a iniciativa de criação da biblioteca na Bahia, muitos outros governos estaduais começaram a criar bibliotecas em seus estados. As bibliotecas eram criadas pelo estado, mas não possuíam uma infraestrutura adequada. Muitos eram os problemas, entre acervo desatualizado, locais improvisados, falta de funcionários capacitados para atender as demandas. A biblioteca se tornou, aos olhos do público, um lugar negativo, que afastava o potencial grupo de pessoas que poderiam usufruir dela, um local de castigo ou para uma elite culta (Suaiden, 2000).

Para Suaiden (2000), na República Velha e na Primeira República, a biblioteca era concebida como um mero local de livros, que não tinha mais nenhuma outra utilidade. O autor traça um paralelo entre o grande número de pessoas não alfabetizadas e a necessidade de se disseminar a informação oral, para que todas essas pessoas pudessem ter conhecimento utilitário e sobre cidadania. Rasteli (2019) complementa essa ideia quando explica que até 1930 as bibliotecas se pareciam com aquelas do período colonial, apenas uma pequena parte da população realmente a usava.

Um importante marco da cultura no Brasil foi a inauguração da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, em 1926. Em 1936, foi criado o Departamento de Cultura de São Paulo. A partir disso, a função cultural da biblioteca pública ganha destaque e tem em seu repertório atividades para diversos tipos de públicos (Rasteli, 2019). Em 1937, o Governo Vargas criou o Instituto Nacional do Livro (INL) para ajudar na democratização do livro e melhorar os serviços bibliotecários (Suaiden, 2000).

Foi por meio do INL que as questões da biblioteca pública passaram a integrar a agenda de um órgão governamental e, assim, tornaram-se responsabilidade do Estado. Também é perceptível a atuação do Instituto “[...] de 78 bibliotecas públicas registradas em

1938, houve um salto para 332 em 1945. Em oito anos, foram distribuídos mais de 259 mil volumes, cerca de 781 por biblioteca.” (Paiva, 2008, p. 30). Bernardino e Suaiden (2011, p. 34) trazem a seguinte reflexão

A Biblioteca Pública, em seu verdadeiro sentido de atuação, livre, aberta, democrática, socializadora, que ao mesmo tempo em que cuida da preservação da memória investe na construção do conhecimento e soma esforços para que transforme e seja transformada para e pelo usuário, e que, em razão deste, possa se tornar um ambiente vivo e efervescente de cultura. (Bernardino; Suaiden, 2011, p. 34).

Desse modo, a biblioteca pública se configura como um organismo que direciona seus propósitos para o atendimento das necessidades e especificidades informacionais de seus usuários. Parte do entendimento de que a sociedade – e, por consequência, os sujeitos que a compõem – está em permanente transformação, moldando-se por meio da convivência e da interação com a comunidade (Bernardino; Suaiden, 2011, p. 34 - 35).

Nesse contexto de constante transformação social, torna-se ainda mais desafiador consolidar uma sociedade da informação em um país marcado por profundas desigualdades culturais, como o Brasil. Para que a biblioteca pública atue de forma efetiva junto à sua comunidade, é imprescindível a existência de vontade política, capaz de sustentar ações voltadas às diversidades locais. Isso requer um planejamento estratégico ousado e adaptado às realidades regionais, mas, acima de tudo, demanda uma consciência coletiva de que a biblioteca deve acompanhar as mudanças sociais, sendo parte ativa e essencial nesse processo de evolução (Bernardino; Suaiden, 2011, p. 35).

Suaiden (2000) cita uma fala de Mário de Andrade (1939), em que ele recorda da importância da criação de bibliotecas para o desenvolvimento da cultura brasileira, mesmo que as bibliotecas não resolvam alguns problemas cruciais da cultura, elas podem criar nas pessoas o hábito de leitura e esse pode elucidar os pensamentos e trazer consciência para que os cidadãos possam ser capazes de lutar contra os problemas da sociedade e do seu cotidiano.

2.1.3 Biblioteconomia

A biblioteconomia é um antigo saber, composto de práticas, que veio a se tornar uma área do conhecimento em meados do século XIX. Desde os seus primórdios tem como função

organizar o conhecimento com uma série de técnicas, as quais só passaram a se expandir com o surgimento de cursos profissionalizantes no século XX (Galvão, 1993).

O significado etimológico da palavra biblioteconomia é composto a partir de três elementos do grego “*biblion* (livro); *théke* (caixa); *nomos* (regra) aos quais se adicionou o sufixo *ia*.”(Santos; Rodrigues, 2014, p. 118). Então biblioteconomia é um conjunto de regras usadas para a organização de livros em lugares apropriados (Fonseca, 2007).

O termo biblioteconomia só foi usado pela primeira vez em 1839, numa obra de Léopold-Auguste-Constantin Hesse, *Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation et l'administration des bibliothèques*, e a partir do século XIX as técnicas e práticas relativas a biblioteconomia começam a ser desenvolvidas (Ortega, 2004).

Uma base importante para a biblioteconomia foi a obra de Gabriel Naudé (1600-1653), *Advis pour dresser une bibliothèque* (1627). Esse livro foi o primeiro a instruir bibliotecários e introduzir conceitos importantes para a área (Siqueira, 2010).

Naudé apresenta uma proposta de que a biblioteca deveria ser aberta ao público, e não ficar centrada para o prazer de uma minoria, ou pelo menos que deixassem os estudiosos fazerem suas pesquisas. Ele também não concordava com a ideia de possuir na biblioteca apenas livros de ordem religiosa (Fonseca, 2006)

Fonseca (2006) aponta que as ideias de Naudé eram modernas e tinham como objetivo acabar com o poder que a Igreja tinha, pois era ela que aconselhava politicamente as pessoas que estavam no poder. A autora comenta que Naudé queria que a biblioteca substituísse a Igreja, pois dessa forma seria trocada a autoridade espiritual pela máquina cultural.

A primeira escola de biblioteconomia do mundo foi a École Nationale des Chartes, na França, sendo voltado para o humanismo, e para entrar no curso era necessário já possuir diplomação no curso de letras, além de passar por uma seleção (Lindemann, 2014, p. 18).

Os Estados Unidos da América, segundo Lindemann (2014), foram os responsáveis pelo segundo curso voltado para o desenvolvimento e formação de bibliotecários em 1887. Nesse país, o “[...] padrão era totalmente técnico, baseado em estudos de Classificação de Mervil Dewey, fundador da School of Librarianship Economy.” (Lindemann, 2014, p. 19).

2.1.4 Biblioteconomia no Brasil

Almeida (2012) responsabiliza Manuel Cicero Peregrino da Silva como propulsor da criação do primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil, estabelecido em 11 de julho de 1911. Apesar da idealização do curso, seu início só ocorreu quatro anos depois, em 1915.

O curso foi oferecido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e seguia os moldes do curso da École des Chartes. “O curso de Biblioteconomia nasceu com cunho humanístico e só poderia matricular-se nele o candidato que tivesse formação humana em seu curriculum [...]” (Lindemann, 2014, p. 20). Almeida (2012) conta que para entrar no curso era preciso fazer uma “[...] prova escrita de português e provas orais de geografia, literatura, história universal e de línguas: francês, inglês e latim” (p. 36). O curso funcionou até 1923, sendo reativado novamente apenas em 1931, sem grandes mudanças significativas no currículo, que continuou voltado para o cunho humanista (Almeida, 2012).

Em São Paulo, alguns anos depois, o College Mackenzie também começa a formar novos bibliotecários, mas com as visões tecnicistas dos EUA (Lindemann, 2014). Instaurado em 1929, uma das razões do curso ser voltado para o lado tecnicista era pelo fato de ele ser orientado pela bibliotecária norte-americana Dorothy Muriel Gedds Gropp (Almeida, 2012).

De acordo com Almeida (2012, p. 49), o curso de biblioteconomia da Biblioteca Nacional passou por um processo de “americanização”, pois diretores da época, que assumiram o cargo, viam que os processos técnicos ali não eram suficientes para suprir as demandas operacionais, trazendo referências norte-americanas e afastando cada vez mais o lado humanista do curso.

2.2 Aproximações da biblioteconomia social a partir da mediação da informação

2.2.1 Biblioteconomia tradicional e emergente

Dois conceitos são importantes para essa pesquisa, são eles: “biblioteca tradicional” e “biblioteca não-tradicional” ou “biblioteca emergente”.

Uma biblioteca, tradicionalmente, é local de livro, de informação, essa está disponível para a sociedade, que deveria utilizar de todo esse acervo cultural para sua própria construção cultural, mas Flusser (1983) expõe que essa é uma visão tradicional da biblioteca.

A biblioteca tradicional possui livros e os oferece para um determinado grupo que necessita de informações, e, ao ser implementada em um lugar, pode não ser aceita pela comunidade local (Flusser, 1980, p. 136). De acordo com Flusser (1980, p. 137), o agente da biblioteca tradicional, o bibliotecário, desempenha uma função importante de estar disponível para ajudar e orientar pessoas que utilizam a biblioteca.

Aquilo que na presente pesquisa se denomina de “biblioteca não-tradicional” ou “biblioteca emergente”, Victor Flusser nomeia de “biblioteca verdadeiramente pública” e “biblioteca ação-cultural”. Para o autor, a “biblioteca verdadeiramente pública é a transformação estrutural da biblioteca tal como existente hoje, em uma que participe do processo de dar a palavra ao não público” (Flusser, 1980, p. 133). Quando a biblioteca ação-cultural dá a palavra, ela atende a uma necessidade fundamental de igualdade (Flusser, 1983).

Flusser (1983) adiciona um novo elemento a todo esse conjunto, o centro cultural, que aqui é como uma extensão da biblioteca. Esse centro cultural também tem livros, mas vai além disso e fornece informação em outros formatos, como quadros, músicas, entre outros.

Assim como já citado por Flusser (1980) sobre o fato de que uma biblioteca implantada em determinado lugar pode sofrer rejeição por parte do público que era esperado que a frequentasse, o centro cultural, quando implantado pode, da mesma forma, estar suscetível a essa resistência.

Com a opção não tradicional, a ideia é criar um ambiente que evoque uma emergência cultural (Flusser, 1983). Flusser coloca tanto a biblioteca como o centro cultural como ambientes que podem ser não tradicionais, e que, sendo assim, não serão rejeitados dentro daquela comunidade, pois tais espaços nasceram das necessidades dessas comunidades. Esses lugares serão espaços de cultura viva. A função não é mais a de dar acesso, mas passa a ser de possibilitar e construir uma interação cultural, favorecer a ação cultural, não para um grupo de pessoas, mas para a comunidade.

Nos lugares tradicionais existe acesso a cultura, já nos emergentes a cultura é criada por aqueles que fazem parte da comunidade. Flusser (1983) ressalta que, nessa visão, as duas instituições não podem ser separadas. Uma biblioteca pode ser um centro cultural e um centro cultural pode ser uma biblioteca. O autor chama de biblioteca-centro cultural ou biblioteca-ação cultural.

Para Flusser (1983) não existe problema na ação de disponibilizar livros, mas esses novos centros precisam despertar uma cultura viva, que também é cultura literária.

Flusser (1983) dividiu as atividades a serem desenvolvidas em três níveis. No primeiro é necessário que se investigue com quem o trabalho vai acontecer, conhecer e entender o contexto; em segundo lugar, planejar para que nesse lugar realmente aconteça a emergência da cultura e leitura, que permita conhecer e entender melhor a condição cultural em que se encontra; em terceiro lugar fica a avaliação das ações que estão sendo desenvolvidas. Tal avaliação precisa ser periódica para que sempre se possa verificar se as ações ocorrem com efetividade necessária e se nenhum aspecto se perdeu.

A biblioteca-centro cultural é um espaço que provoca incentivo para um grupo de pessoas por meio da cultura literária, que quer alcançar o desenvolvimento da comunidade. Esse desenvolvimento pode ser dividido em dois. Um que aborda a cultura que já existe, o outro diz respeito à nova cultura que se formará pelos sujeitos que se apropriaram e criarão algo novo (Flusser, 1983).

Um livro em biblioteca ação-cultural não é visto mais como objeto, “[...] mas [como um] elemento numa cadeia comunicológica.” (Flusser, 1983, p. 166)

Uma biblioteca ação-cultural deve fazer um trabalho de leitura, mas não apenas na leitura tradicional, a leitura de texto, mas a leitura no sentido mais amplo (Flusser, 1983). Na biblioteca-centro cultural, o bibliotecário, com seu novo papel de animador, tem como função ser agente de impulso na ação cultural, não apenas um guardião do espaço e do acervo, uma figura que está ali apenas para zelar pelos documentos.

O não-público ao qual Flusser se refere é “aquele que não pode fazer uso da biblioteca, pois ela é constituída de tal forma que impede esse uso, independente da vontade ou desejo desse tipo de usuário.” (Almeida Junior; Rabello, 2022, p. 489).

Rabello (2023) aponta que as unidades de informação tradicionais costumam considerar dois perfis de usuários: reais e potenciais. O usuário real é aquele que possui uma necessidade informacional e que, não apenas se encaixa nos moldes estabelecidos pela instituição, mas também utiliza os produtos e serviços ofertados. Já o usuário potencial é aquele que, embora ainda não utilize os serviços, reúne as condições necessárias para, em algum momento, tornar-se um usuário efetivo do sistema.

Por outro lado, o “não-público”, composto por “não-usuários”, não é sequer contemplado no planejamento dessas unidades de informação. Esses espaços não são concebidos para acolhê-lo. Como consequência, esse segmento permanece à margem, sem acesso ou reconhecimento dentro desses sistemas (Rabello, 2023).

O “não-público” é, em geral, formado por pessoas em situação de vulnerabilidade social, frequentemente negligenciadas por políticas públicas e mantidas em condições precárias. Esse grupo de “não-usuários” é excluído não apenas do acesso à informação, mas também do próprio reconhecimento como sujeito informacional legítimo dentro das estruturas formais (Rabello, 2023).

Os “não-usuários”, por integrarem uma parcela da comunidade ignorada pelas unidades de informação, podem incluir tanto aqueles que não acessam os serviços informacionais por desinteresse quanto aqueles que enfrentam barreiras institucionais.

Se, para Flusser (1980), o “não-público” jamais se tornará público, para Rabello (2023), o “não-público”, ou os “não-usuários”, pode, em determinados contextos, ser convertido em usuário mediante transformações sociais e estratégias institucionais voltadas à mediação da informação e da cultura. Esse processo envolve, portanto, práticas dialógicas e uma efetiva incorporação da instituição na comunidade.

Almeida Júnior (2018) debate sobre as bibliotecas tradicionais. De acordo com ele, esse tipo de biblioteca molda as pessoas de acordo com as vontades de quem tem mais poder, da classe dominante, enquanto deveriam libertar e transformar esses sujeitos.

Flusser (1983) discorre sobre a biblioteca como instrumento de ação cultural. Para ele, antes de qualquer coisa, é necessário falar sobre a ação cultural, sua definição, termos, metas e limitações, pois dessa forma ficará mais fácil entendê-la na biblioteca.

Flusser (1983) traz uma reflexão de Gordom Stevenson sobre cultura. Stevenson entende que não importa a maneira como a cultura vai ser definida, pois ela sempre será o tema de trabalho do bibliotecário. Todavia, como ela é realmente definida muda a atuação do bibliotecário, para quem essa ação é dirigida e como ela é realizada.

Duas posições são apresentadas por Flusser a respeito do conceito de cultura. A primeira é a cultura como criações do homem, como objetos, obras e coisas. Essa é a ação do homem sobre a matéria, transformando-a em uma coisa a mais “Cultura, neste sentido, é a síntese da oposição dialética entre idéia e matéria.” (Flusser, 1983, p. 147). A outra é a cultura como práticas sociais ou individuais e a visão de mundo de um indivíduo. “Cultura, neste sentido, não será mais objeto, mas representação.” (p. 148). Na ação cultural as duas posições devem ser sempre consideradas, pelo fato de que a “[...] ação cultural é basicamente mediação e criação de acervo, inseridas em contexto cultural bem definido.” (Flusser, 1983, p. 148). O animador cultural tem a árdua tarefa de reunir as duas formas de cultura que foram apresentadas (Flusser, 1983).

É importante refletir sobre o relacionamento com a herança cultural e ser crítico a respeito das próprias críticas, pois, dessa forma, haverá uma compreensão maior do conteúdo e do ambiente cultural em que se está inserido, e isso faz muita diferença quando se trata de ação cultural (Flusser, 1983). Um dos pontos que define a ação cultural, de acordo com Flusser (1983), é a “[...] constante superposição das relações inter-humanas e ‘objetivas’.” (p. 151).

Flusser (1983) cita o termo “animação cultural”. A animação, que pode ser vista em muitas áreas, é o ato de inserir o pensamento político na prática que esteja acontecendo, seja ela musical, bibliotecária ou outro tipo. Para o autor, essa inserção de pensamentos não é uma qualidade adicional no gesto profissional, mas, sim, um fator que pode mudar drasticamente esse gesto. Esse ato é o que torna a profissão numa prática política (Flusser, 1983).

Existem três problemas principais que cercam a ação cultural, “a invenção, a formulação e a criação.” (Flusser, 1983, p. 156).

A invenção é sobre exercer a criatividade livremente, descobrir as capacidades e dar asas à imaginação. Através da animação cultural é possível dar ao homem a possibilidade de fazer seu próprio código cultural e literário (Flusser, 1983).

Flusser (1983) entende a formulação como “[...] a passagem de um know-how, para que a invenção, a criatividade emergente, para que o código cultural próprio aos homens com quem se trabalha, possa vir a se articular.”. Na formulação estão presentes a compreensão e concretização técnica de uma ideia. Flusser destaca um ponto importante nesse processo

[...] toda a animação cultural (e bibliotecária) que tenha como meta o desenvolvimento da formulação cultural e literária de um modo emergente e não manipulador, deve considerar que a linguagem cultural e literária é um meio de exteriorizar o modo de pensar, o modo de vida, os sentimentos de um grupo determinado. Toda tentativa de iniciar um grupo em uma técnica de linguagem cultural ou literária diferente da sua, (mesmo que mais autêntica e adaptada à realidade de vida deste grupo), deve consequentemente utilizar os modos, os meios de expressão próprios à linguagem utilizada pelo grupo, ao mesmo tempo que se referir ao vocabulário e à gramática característicos da nova técnica de linguagem. (Flusser, 1983, p. 157).

Portanto, tem-se a criação, a junção da invenção e da formulação, ela é o objetivo da animação cultural emergente, pois, nesse sentido, o indivíduo quebra suas barreiras para que ocorra uma verdadeira revolução (Flusser, 1983).

Segundo Flusser (1983), o primeiro passo da ação cultural e da animação cultural e bibliotecária é despertar os sujeitos para que possa haver interação entre eles e, também, sua

participação no universo cultural. O autor ressalta que “[...] se a animação fosse só engajamento social, ou só procura de conhecimento, ela não operaria a síntese dialética [...], e seria incompleta e condenada a ficar estéril.” (Flusser, 1983, p. 159).

Existe pouco estímulo e interesse do bibliotecário para atuar como agente cultural. Cabral (1999) entende que isso se dá, em partes, por esses profissionais não se sentirem preparados para assumir esses papéis. Isso pode ocorrer pela falta de informações disponíveis sobre ação cultural, pois não é um tema que seja muito publicado a respeito.

Por não ser uma prática comum em bibliotecas brasileiras escolares e públicas, não se tem um número significativo de relatos de experiências publicados em periódicos científicos. Dessa forma não se tem tanta análise conceitual a respeito da ação cultural bibliotecária, necessitando que o interesse pela área aumente para que possa, dessa forma, ser aumentada também a pesquisa e a área poder avançar (Cabral, 1999).

Existem alguns fatores que Cabral (1999) traz como problemáticos sobre a atuação profissional dos bibliotecários em relação à área cultural. A autora expõe o fato de que esse problema vem desde a época da graduação, onde é muito presente a parte tecnicista, e onde não há uma aproximação relevante para a área cultural. Com isso, a literatura na área também acaba prejudicada, pois não se tem muita bibliografia sobre ação cultural e temas semelhantes.

Rasteli (2019) observa que existe uma possível falta de conhecimento em relação às experiências que permeiam a ação cultural inserida nas bibliotecas brasileiras. Nessa direção, Milanesi (2002) observa que a ação cultural se desenvolve em diversas esferas, mas está relacionada à biblioteca de forma esporádica.

Coelho (2012) traz uma definição de ação cultural como uma ponte entre sujeitos e obras culturais, para que disso nasça uma nova interpretação que fará com que aqueles sujeitos participem do universo cultural e também interajam uns com os outros com novos objetivos em comum. No entanto, Rasteli (2019) alerta sobre o uso do termo ponte em relação a ação cultural, pois esse termo sugere algo que não se move, algo que está sempre no mesmo lugar, e que, para o autor, isso é o oposto de ação cultural.

Flusser (1980, p. 134) traz a ideia de que a mediação é chave fundamental na biblioteca ação-cultural, sendo relevante que esta adote a prática de transcender a função de mero “depósito de herança cultural”. O autor aborda que essa biblioteca está em ação “com” e não apenas “para” a população. Trabalhar com essa ação cultural é criar uma nova biblioteconomia, criar algo novo. De acordo com Jeanson (1973), conforme citado por Flusser (1980, p. 134), é preciso ir até o não-público e descobrir do que ele precisa. Há a necessidade

de se trabalhar com uma linguagem comum, no sentido de que aquelas pessoas – constituintes do não-público – sejam realmente alcançadas.

2.2.2 Mediação da Informação

De acordo com Rasteli (2019), embora exista uma vasta produção cultural em todo o mundo, muitas populações, incluindo as do Brasil, permanecem excluídas do acesso pleno a essas manifestações. Essa exclusão cultural pode ser causada por diversos fatores, como o analfabetismo, a falta de habilidades de escrita ou a ausência de familiaridade com as práticas digitais.

O autor relaciona a inserção e o estímulo de práticas culturais, como leitura, escrita e pintura, com o exercício da cidadania. Isso também leva à questão de que a participação cultural também tem que ser voltada para o acesso à informação, indo a museus, teatros, cinemas e bibliotecas.

O acesso à cultura é fundamental para a produção e apropriação de produtos culturais mediados, e a biblioteca desempenha papel importante como espaço cultural (Rasteli, 2019).

A biblioteca, como parte dos sistemas culturais, é responsável pelos diversos aspectos relacionados à informação. Para Rasteli (2019, p. 16), “[...] a base de toda atividade cultural é a criação, disponibilidade, circulação e apropriação das informações oriundas de qualquer âmbito da criatividade humana, de qualquer expressão, linguagem [...]”, sendo essa informação sendo registrada ou não em algum suporte de informação.

Rasteli (2019) traz o que já foi abordado por outros autores, ou seja, que a pesquisa no âmbito da mediação cultural em bibliotecas é escassa, com necessidade de mais pesquisas e requer a necessidade de construir significados mais consistentes.

De acordo com Perrotti (2016), a biblioteca e o bibliotecário ocupavam um papel secundário na mediação cultural, limitados à organização de processos. Rasteli (2019), no entanto, destaca a mudança dessa perspectiva, posicionando o bibliotecário no centro das atividades culturais.

Segundo Almeida Júnior (2013), a biblioteca pública se expandiu e incorporou novos serviços, como a função educacional e a função cultural e de lazer, que foram embutidas na função educacional.

Como mediador, o bibliotecário participará de atividades culturais e terá contato com diversas pessoas e culturas, sendo importante entender e respeitar cada uma delas

individualmente. Inclusive é importante pensar diferentes atividades culturais para cada grupo, como cultura tradicional, culturas específicas de cada região e culturas de comunidades marginalizadas (Rasteli, 2019).

Como parte da função cultural da biblioteca, são exercidas três ações, “[...] captação, preservação e divulgação dos bens culturais (materiais e imateriais), incluindo as diversas formas de manifestações culturais e artísticas.” (Rasteli, 2019, p. 82).

Rasteli (2019) traz o pensamento de que as bibliotecas também podem ser lugar de despertar a cidadania da sociedade. O espaço da biblioteca pode se tornar um lugar de discussão de políticas, por exemplo, com debates, palestras, sobre o que se passa na política naquele momento e sobre como aquela comunidade pode influenciar essas políticas.

A sociedade é um lugar complexo culturalmente. Muitas origens e pensamentos diferentes coexistem num único lugar, e em uma biblioteca esse aspecto não é diferente, mas isso faz com que o profissional tenha um desafio em mãos, por ter que lidar com tantas culturas diferentes (Rasteli, 2019).

Não apenas isso; como novas transformações ocorrem o tempo todo, uma biblioteca engajada deve sempre estar atenta a essas mudanças (Rasteli, 2019).

Nesse sentido, é importante estabelecer ações estruturadas e planejadas, que serão financiadas [...] por políticas públicas culturais, que estabelecem diretrizes, projetos de leis e atividades voltadas à integração interdisciplinar entre educação, cultura, direitos humanos e informação.” (Rasteli, 2019, p. 85).

Rasteli (2019) propõe uma atenção a três conceitos: ação cultural, animação cultural e fabricação cultural. O autor explica que ainda esses conceitos são desconhecidos para muitos bibliotecários. Almeida Júnior (2013), entre outros autores, observa que a biblioteconomia não se preocupa tanto com a função cultural da biblioteca, e por esse motivo não há tantas publicações a respeito do tema. Para Rasteli (2019) esse pode ser o motivo de desconhecimento desses três conceitos serem pouco conhecidos pelos profissionais da área.

A mediação cultural engloba a ação cultural, a animação cultural e a fabricação cultural. Essas atividades caracterizam diferentes maneiras de mediação, em diferentes níveis (Coelho, 2012).

Rasteli (2019) apresenta, a partir de Almeida (1987) e Coelho (1989; 2012), concepções de cada uma das três atividades. Ação cultural é um processo que destaca a criação e a expressão dando ainda mais espaço para a criatividade dos sujeitos. Ela faz com que o coletivo se una para produzir a cultura, troca de informações, experiências, para discussões que são realizadas por meio de atividades desenvolvidas. O bibliotecário, nesse

lugar, é o agente cultural. A animação cultural está relacionada com ações voltadas para o incentivo à leitura. O foco da animação é que o público interaja e participe ativamente. O bibliotecário, nesse caso, é o animador cultural, responsável por incentivar o interesse cultural da comunidade. A fabricação cultural é um processo estruturado e formal, com etapas e objetivos que planeja produzir um objeto cultural, e não envolve diretamente a comunidade. Entretanto, Almeida Júnior (2017) entende que

Da mesma forma, há sempre uma fabricação cultural na ação cultural; há sempre uma animação cultural na ação cultural. De igual modo, há sempre uma ação cultural na fabricação cultural, uma ação cultural na animação cultural ou na animação da leitura. (Almeida Júnior, 2017, p. 54)

No Brasil, a biblioteca passou a desempenhar uma função cultural mais relevante a partir de 1936, com a atuação do Departamento de Cultura de São Paulo, então dirigido por Mário de Andrade (Rasteli, 2019). Segundo Milanesi (2003), a palavra “cultura” adquiriu um significado mais importante nas atividades públicas, sendo evidenciada por Mário de Andrade e Paulo Duarte, também na década de 1930.

Rastelli (2019) evidencia a abordagem da biblioteca como ambiente de mediação de atividades culturais. A biblioteca, nesse contexto, permite que a comunidade faça a construção do conhecimento, que compartilhe e se aproprie das informações que circulam e estão em diversos formatos, tornando esse local relevante para a comunidade. O autor complementa que

Para colaborar nessa realidade, aposta-se que as bibliotecas possam constituir-se em instâncias para a apropriação de informações, para a interpretação de significados dos universos vivenciais e simbólicos, resultando em produções de sentidos para as ações críticas sobre a realidade. (Rasteli, 2019, p. 133)

O mediador da informação, segundo Almeida Júnior (2009), é intermediador entre informação e sujeito. O mediador influencia e participa efetivamente, ajudando a moldar a sociedade, por meio de mediação implícita e explícita. Essas mediações valorizam as pessoas como participantes e apropriadores ativos no processo cultural.

De acordo com Rasteli (2019), a mediação cultural foi citada pela primeira vez por Victor Flusser, em 1980, nos textos do autor sobre a função cultural da biblioteca.

Na década de 1990, a ideia de mediação cultural era apenas um conceito emergente na literatura da biblioteconomia. O cenário mudou apenas a partir dos anos 2000, pois nesse período a mediação cultural começou a ser estudada de forma consistente (Rasteli, 2019).

Perrotti (2006) acredita que a mediação cultural não está completamente definida no campo da ciência da informação, não podendo se ter uma definição totalmente estável.

Almeida (2014) identifica duas diferenças principais do conceito de mediação. A primeira é que o termo possui muitas variáveis a depender do contexto que é empregado, seja pelas bases teóricas ou práticas culturais. A segunda distingue a mediação como uma ação mais complexa do que a troca de dois sujeitos, mediado e mediador.

A apropriação da informação, por intermédio da mediação da informação, não é um processo que ocorre de forma contínua, mas tem seus picos de momentos mais complexos e variando em diferentes níveis (Rasteli, 2019).

A implementação de medidas para que a mediação seja possível são complexas. São enfrentados, ainda, desafios em relação a conseguir que as ações se integrem de forma consistente na comunidade, para, por fim, poder dar voz aos sujeitos e ajudar com que se expressem livremente (Rasteli, 2019).

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas, existem também as que se relacionam com o bibliotecário como mediador cultural, como será a formação desse profissional, como serão tratados determinados assuntos como “[...] concepções de cultura, às políticas culturais, às regulações da cultura e às hegemonias [...]” (Lima; Perrotti, 2016, p. 178).

Para Rasteli (2019) ainda existem outros fatores que afetam a mediação cultural e que podem trazer dificuldades para o processo, por ser um processo que varia muito, possui questões delicadas e variadas envolvidas, visto que a sociedade está em constante transformação.

Outros fatores são também suscitam interesse como “[...] à inclusão digital, à participação da comunidade nos diversos modos culturais, às diferenças culturais (classes sociais), às diversidades culturais, às tecnologias de informação e comunicação [...]” (Rasteli, 2019, p. 139) entre muitos outros que não foram citados

A imparcialidade é também um elemento que deve ser observada pelo profissional, mas de outra forma, pois não existe forma de ser imparcial, mas sabendo da parcialidade olhar para ela e saber em que lugar ela deve ir; reconhecer essa parte do profissional o torna mais consciente para lidar com as situações que virão (Almeida Júnior, 2009)

O mediador é, para Rasteli (2019), um profissional que tem um papel ativo na construção de sentidos, e essa não pode ser uma ação técnica e neutra.

Almeida Júnior (2009) dá destaque para os termos de mediação explícita e mediação implícita. Para o autor, a mediação implícita é realizada em momento que o usuário não está presente; já a explícita é desenvolvida com a presença desse, mas as duas formas visam atingir esse usuário.

O mediador cultural precisa estar atento, pois terá de lidar com pessoas diferentes, cada uma com sua singularidade, uma visão diferente, uma cultura diferente. É necessário que essas singularidades estejam em foco no momento da mediação (Rasteli, 2019).

Rasteli (2019) reforça a ideia de que a biblioteca é um dos ambientes de contribuição da construção e da apropriação da cultura. Essas acontecem por meio de ferramentas de linguagem, onde o bibliotecário tem um papel crucial, pois ajudará o sujeito a não apenas entender, mas também construir conhecimento.

Por ser tema de muitas áreas do conhecimento, dificilmente é encontrado um ponto de acordo sobre o significado de mediação cultural (Crippa; Almeida, 2011). Mesmo assim, é importante se pensar que a mediação deve ocorrer em mão dupla. O sujeito que for marcado por alguma obra, em qualquer suporte, deve retribuir essa ação e deixar também sua própria marca, se apropriando e dando novos significados às obras.

Na análise de Oliveira (2014), o processo de mediação é uma constante de educar e aprender. Isso faz com que o processo se renove o tempo todo e muda a perspectiva de interação com outros sujeitos.

Feitosa (2016) entende que existe uma visão de mediação como uma ponte que faz uma ligação entre mediador e mediado, mas não une de fato. Para o autor, a mediação vai muito além de uma simples ligação. Existe uma troca de informações e vivências que é feita continuamente. Esse processo é vivo e envolve diversas camadas que não podem ser traduzidos como sendo simples. Para Gomes (2010), a mediação

[...] consiste em uma ação ligada à vida, ao movimento e ao processo de construção de sentidos. Ela se caracteriza como uma ação humana que nasce a partir do contato do sujeito com a realidade e do contato atribuído por este a essa realidade. (Gomes, 2010).

A mediação faz parte do processo natural da vida, de acordo com Gomes (2014). A autora se apresenta nas interações entre indivíduos que compartilham experiências, e a linguagem é o meio usado para essa partilha, o que a torna um recurso essencial. Para a autora, a linguagem é o alicerce da comunicação, e sem ela as interações seriam limitadas.

2.2.3 Biblioteconomia Social

Silva (2018) destaca que a biblioteconomia é uma área que possui uma grande ligação com o social, ainda mais por ser tão interdisciplinar, podendo dialogar com “a Filosofia,

Sociologia, Educação, História, Antropologia e Psicologia e no campo das Ciências Sociais Aplicadas, como Comunicação, Administração e Economia.” (Silva, 2018, p. 25).

A biblioteconomia é uma área presente em muitos campos de gestão da informação, mas encontrou no ambiente informacional federal, estadual e municipal, em bibliotecas mais conhecidas e tradicionais, boas possibilidades de atuação profissional (Silva, 2018).

Silva destaca a importância de se entender o que é a ideia de social dentro da biblioteconomia. O primeiro pensamento sobre social é de algo que é compartilhado entre um grupo de pessoas. Isso, de acordo com o autor, é um dos fundamentos vitais da biblioteconomia contemporânea, “[...] visto que a plenitude das práticas sociais biblioteconômico-informacionais demanda a partilha como construto coletivo entre sujeitos.” (Silva, 2018, p. 34).

Em segundo lugar, Silva (2018) discorre sobre o social também como sendo que busca beneficiar um indivíduo, ou grupos específicos, como uma minoria, ou um grupo maior de pessoas, com práticas que fazem parte do cotidiano do bibliotecário, como gestão e organização da informação. Essas atividades possuem caráter seletivo, que para Silva (2018) pode ser positiva, pois existe um universo de informações e é importante saber selecionar essa informação, ainda mais quando se trabalha com um grande número de pessoas. Todavia, essas atividades também podem ser negativas, pois acabam favorecendo um grupo específico de pessoas de maneira parcial ou tendenciosa.

Por último, segundo o autor, estaria a noção pragmática. Para ele, o social, nesse sentido, está ligado à socialização e ao desenvolvimento de ações de disseminação da informação, “[...] do ponto de vista teórico-epistemológico, político/educativo/cultural e profissional para os sujeitos ou conjunto de sujeitos.” (Silva, 2018, p. 35).

Silva (2018) estabelece alguns fatores que são importantes quando se trata da biblioteconomia como uma disciplina social:

- 1) estímulo ao livre acesso, democratização e partilha da informação (construção sócio epistemológica da informação); 2) foco nos sujeitos da informação; 3) mediação da informação agregada à mediação da leitura e mediação cultural; 4) políticas de informação (políticas públicas e privadas de informação; programas, projetos, eventos, cursos vinculados e compreendidos como ações de informação); 5) proposição/criação/elaboração/execução de serviços e produtos de informação; 6) criação, dinamização e uso das tecnologias nas práticas informacionais de cunho educacional, cultural, ambiental etc. (Silva, 2018, p. 35)

A mediação da informação, mediação da leitura e mediação cultural são práticas fundamentais para a realização da prática social da biblioteconomia, ainda mais por serem

passíveis de aplicação em diversos contextos onde o profissional bibliotecário atua (Silva, 2018).

Para que seja garantida as potencialidades da biblioteconomia como área social é preciso que os profissionais bibliotecários estejam atentos e informados na representação nos setores atuantes da profissão em relação às decisões que são tomadas, tanto decisões menores, como decisões de maior alcance sobre as práticas sociais de informação (Silva, 2018)

Silva (2018) indica que políticas públicas são boas práticas sociais da informação como

política nacional de bibliotecas contemplando a diversidade informacional como bibliotecas públicas, escolares, universitárias, especializadas etc.; política e movimento para o livre acesso à informação; políticas para inclusão digital; políticas para estímulo à leitura, pesquisa e cultura; políticas de fomento ao letramento informacional; políticas de cooperação científica entre sujeitos e grupos institucionais de estudantes, professores, pesquisadores e comunidade acadêmico-científica no geral; políticas para acesso a materiais bibliográficos como livros, artigos, revistas, sites, bases de dados, repositórios institucionais; políticas voltadas para o acesso à escola e à universidade pública. (Silva, 2018, p. 39).

Silva (2018) destaca como as novas tecnologias digitais podem auxiliar quando se trata do contexto social da biblioteconomia. Por exemplo, a informação tem a capacidade de chegar a lugares mais distantes; ela pode ser acessada a qualquer horário; ter capacidade de atender a muitas situações diferentes, podendo ajudar uma biblioteca escolar ou uma biblioteca especializada, dentre outras; recursos digitais também podem tornar as etapas de organização e recuperação da informação mais eficientes; o profissional da informação pode estar em contato com um determinado sujeito de forma acessível sem que estes estejam no mesmo lugar fisicamente; permite que a troca sobre cultura se dê em um nível muito maior, até mesmo internacional; permite a criação de fóruns para que possa haver discussões sobre determinado assunto; as tecnologias digitais podem ser muito úteis para complementação do conhecimento educacional; a área da biblioteconomia se expande com a internet, dando ao profissional bibliotecário mais opções de trabalho; a cidadania também pode ser mais facilmente exercida com a facilidade que se pode interagir politicamente; as práticas de mediação podem ser flexibilizadas e adaptadas para outros contextos; existe a possibilidade de novas criações no meio digital para que seja facilitado ainda mais as demandas emergentes; informações podem ser compartilhadas e guardadas de acordo com as demandas de cada usuário.

Por mais que sejam muitas as formas de fazer com que a biblioteconomia seja mais voltada para o lado social, Vieira (2020) expõe que a realidade é diferente, pois a profissão se

volta muito para o lado técnico da área. Dessa forma, a biblioteconomia encontra barreiras que dificultam que a informação seja acessível para a comunidade.

“Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana” (Conselho Federal de Biblioteconomia, 1966). Esse é o juramento feito por profissionais bibliotecários. No entanto, Vieira (2020) se pergunta de que forma uma profissão que tenha um juramento como esse, que fala sobre tanto sobre a pessoa humana, se volta tanto para a técnica. A autora ainda ressalta que esse afastamento do lado social influencia em como a sociedade vê o profissional e a profissão, o que faz com que seja importante reavaliar a atuação para atender um público que possui um tipo de demanda diferente, que não possui as mesmas necessidades informacionais.

Almeida Júnior (2018) observa que enquanto a biblioteconomia entender que sua função mais importante é relacionada com a organização da informação, e não levar tanto em consideração outras atividades, acabará fazendo se entender que sua relação com a sociedade pode ser colocada em segundo plano, pois não é de fato tão importante.

Vieira (2020), de certa forma, complementa a ideia, ao sugerir que o profissional bibliotecário não precisa deixar de lado a preservação da memória para fazer ações voltadas ao incentivo à leitura, por exemplo, que a parte técnica pode ser adaptada para que haja espaço para outras atividades importantes.

Moraes (2018) apresenta uma outra faceta da discussão sobre a biblioteconomia social – a responsabilidade social do bibliotecário (RSB). Em uma sociedade altamente influenciada pela mídia, que é bombardeada o tempo todo com informações que nem sempre são verdadeiras, mas não há uma checagem para confirmar a veracidade, o papel de mediador de informações permite moldar visões de mundo, o que torna a atuação do bibliotecário essencial. A responsabilidade de fornecer informações confiáveis e promover o pensamento crítico é crucial em um contexto onde a desinformação se propaga com facilidade.

A responsabilidade social do bibliotecário (RSB) começou a ser discutida na mesma época que a responsabilidade social empresarial (RSE), por volta da década de 1950. Essa discussão aborda a forma como o profissional bibliotecário trata a informação e utiliza as técnicas específicas da área para disponibilizá-la. No entanto, este profissional também possui o poder de ocultar informações, o que reforça a importância de debater princípios como ética, democracia e responsabilidade social no exercício da profissão (Moraes, 2018).

A prática da responsabilidade social é ainda mais antiga que sua discussão, mas essa prática se voltava para cuidados com relação ao acervo. Moraes (2018) entende que esse

pensamento sobre a RSB voltada para aspectos técnicos como uma visão tradicional, o bibliotecário aqui não age diferente de qualquer outro funcionário de uma fábrica, trabalhando apenas para que tudo esteja bem organizado, não fazendo nenhuma reflexão sobre os sujeitos que usariam essas informações.

Atualmente, o bibliotecário deixa de focar exclusivamente no acervo e reconhece sua responsabilidade com os indivíduos em uma comunidade e suas necessidades informacionais. Diante de uma população que enfrenta desafios para acessar informações, o papel do mediador pode trazer inúmeros benefícios para a sociedade. Assim, o foco passa da organização do acervo para o comprometimento com ações de mediação da informação (Moraes, 2018).

Dessa nova ação dos profissionais bibliotecários – de entender a profissão além da organização da informação, de ter uma postura mais consciente do seu trabalho, de como isso pode afetar a comunidade e pensar que esse profissional é também educador e mediador em relação ao acesso e uso da informação –, um aspecto importante é o papel da visão crítica da RSB (Moraes, 2018).

Segundo Moraes (2018), essa visão coloca de lado a RSB clássica, que se refere ao cuidado com o acervo. Ela coloca o bibliotecário em contato com o público de uma maneira mais real, pois a biblioteca é um sistema inserido em uma sociedade e, como tal, deve servir a essa, influenciar e impactar positivamente, não se abster nem ser neutro.

O bibliotecário se transforma em agente de transformação com a visão crítica da responsabilidade social, esse profissional está inserido na comunidade e não apenas serve a ela, ele não trabalha apenas recuperando informação, mas construindo e reconstruindo conhecimento daqueles que frequentam a biblioteca (Moraes, 2018).

Como dito anteriormente, o início da biblioteconomia no Brasil foi realizado por dois métodos distintos, um voltado para o humanismo, oferecido pela Biblioteca Nacional, e o outro para a técnica, pela Mackenzie, mas, passado algum tempo, o curso da Biblioteca Nacional também se voltou para os moldes tecnicistas (Lindemann, 2014).

No Brasil, na época da redemocratização, entre os anos de 1964 e 1985, houve discussões na biblioteconomia sobre como ela era muito mais voltada para as técnicas e como isso deveria mudar, com vistas a dar lugar a uma maior preocupação com o social (Tanus; Silva, 2019, p. 5). Almeida Júnior e Rabello (2022, p. 483) fazem jus a essa ideia quando observam que “As técnicas deveriam seguir as demandas do público, mas passaram a, quase, determinar aquelas ou ao menos, ditar formas e regras para que o conteúdo do acervo pudesse ser acessado.”

Shera expressa bem o sentido de biblioteconomia social quando fala que a biblioteconomia “[...] deve servir à sociedade em toda extensão de suas potencialidades, deve ser muito mais que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular.” (Shera, 1977, p. 10)

Na missão social, do bibliotecário e da biblioteconomia, é necessário ir além da biblioteca física, levando a informação para todos, sem restrições, principalmente em periferias, prisões e zonas rurais (Lindemann; Spudeit; Corrêa; 2016, p. 718).

Tanus disserta sobre a importância de uma biblioteconomia que tenha profissionais despertos, que tenham vontade e que queiram fazer mudanças, que não sejam imparciais ou neutros (Tanus, 2018, p. 90).

Há uma concordância geral entre os escritores da área sobre o papel do profissional bibliotecário e as suas responsabilidades sociais, não diminuindo as práticas técnicas, mas entendendo que apenas tais práticas não sejam, por elas próprias, suficientes, pois a maior preocupação deveria ser a social (Lindemann, 2014, p. 49).

2.2.3.1 Concepções de leitura

Existe uma diferença em relação ao que é leitura nos dias atuais. São grandes as variedades de significado que podem ser encontradas, sendo faladas por pessoas variadas (Pajeú; Santos, 2021). No dicionário, por exemplo, o significado de leitura é tido como “ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; arte de ler; o que se lê; material a ser lido; texto, livro” (Dicionário Houaiss, 2024). Essa definição não é uma surpresa, pois a leitura é tida dessa forma com muito mais frequência do que se pode esperar ao se pensar nela em um primeiro momento (Pajeú; Santos, 2021).

Embora o mais comum seja pensar em leitura como “ler um texto escrito”, ler não se inicia pelo texto, pois antes mesmo de aprender a ler palavras e entender seu significado sozinho e em um todo foi feita uma leitura essencial antes disso – a leitura de mundo – e é ela que vai fazer a ligação com a leitura de textos (Pajeú; Santos, 2021).

Ler o mundo está em cada parte da vida, desde sentir até entender o contexto em que se está inserido, e essa leitura é feita mesmo que inconscientemente (Pajeú; Santos, 2021). Paulo Freire diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 2008, p. 11). Isso é importante, pois quando se olhar para algo já se saberá o que é aquilo, pois já terá sido feita a leitura de mundo (Pajeú; Santos, 2021). Para entender um texto (palavra escrita) é

necessário ter uma vivência anterior, uma compreensão do mundo, e saber ler o mundo ajuda na formação de identidade e subjetividade do ser humano (Pajeú; Santos, 2021).

A palavra vem com a vivência de cada pessoa em suas realidades. Essa vivência abrilhanta e complementa a vivência na palavra, e cada percepção se complementa. A percepção de mundo ajuda na percepção de texto, e o texto é uma parte de uma realidade e mundo (Pajeú; Santos, 2021). De acordo com Pajeú e Santos (2021, p. 2) “Ao ler e escrever, o leitor revive seu passado e reescreve dentro de si o que lê a partir do momento em que a experiência de leitura se encontra com seu acervo de memória.”. Os autores complementam dizendo que

Desse modo, o texto é o elemento de materialização da palavra, tomada como discurso, que clareia as esferas da cultura como o lugar de interação entre sujeitos, lugar de consolidação das relações cotidianas sólidas, que representam a vida repleta de sentidos, de tons emotivo-volitivos diversos, dos sujeitos verdadeiramente humanos que falam e respondem aos seus atos num continuum dialógico. Nesse sentido, a leitura é traiçoeira e fantástica ao mesmo tempo, pois ela revela as esferas culturais de interação do homem com seu outro por meio da palavra. (Pajeú; Santos, 2021, p. 2 - 3)

Ler é um elemento social; sendo assim, o leitor precisa de toda a carga de conhecimentos vividos para que ela possa ocorrer. Não existe maneira de remover essa carga do leitor no momento da leitura, mesmo que essa não esteja diretamente ligada à leitura daquele momento. Toda a compreensão e relações estabelecidas estarão interligadas (Pajeú; Santos, 2021).

Cada pessoa tem sua própria história. Isso reflete em seus gostos de leitura. Por esse motivo as pessoas têm reflexões e compreensões diferentes de um mesmo texto, e mesmo que duas pessoas tenham valores e opiniões parecidos, suas interpretações ainda poderão diferir uma da outra (Pajeú; Santos, 2021).

A leitura desempenha um papel fundamental na construção da identidade. Ela permite que as pessoas, que têm características únicas, dialoguem com outras pessoas, que também têm características únicas, expressando assim, em suas falas, a presença da alteridade e a influência da palavra do outro (Pajeú; Santos, 2021).

É possível entender, então, que os discursos, mesmo que sejam ou não literários, são feitos a partir de outros discursos que foram absorvidos por terceiros (Pajeú; Santos, 2021). Quando o leitor lê as palavras de um autor, ele junta isso às suas vivências pessoais, e cria um novo modo de entender aquele texto (Pajeú; Santos, 2021). Pajeú e Santos (2021) entendem que, desse modo, a leitura está envolvida com os valores de cada comunidade e grupo social e que esses valores se apresentam “[...] sob uma linguagem que envolve tons valorativos,

palavras não convencionadas, signos ideológicos que sustentam a interação dilatada entre as consciências em jogo, do leitor e do autor.” (Pajeú; Santos, 2021, p. 5).

A leitura foi transformada no decorrer da história em uma ideologia de segregação e usada para valorizar aquele que a usa (Pajeú; Santos, 2021).

Nos dias atuais ainda é difundido o pressuposto de que a leitura é apenas para os melhores e apenas eles a possuem. Essa ideia é, contudo, oriunda de discursos de uma classe dominante que possui maior poder. Esse tipo de entendimento cria uma barreira intelecto-literária na qual pessoas que não têm o costume de ler são colocados com inferiores em relação aqueles que leem, isso principalmente quando se fala sobre livros literários, ainda mais sobre os clássicos. Isso alimenta esse ciclo e faz com que a leitura seja mitificada, e faz com que pessoas sem fácil acesso à leitura sejam rotuladas como “ignorantes” ou “burras” (Pajeú; Santos, 2021).

De acordo com Zilberman (1999), a ideia de que a leitura é algo de uma cultura superior e ler clássicos é melhor que ler outros tipos de livros que não tenham *status* tão alto, surgiu da burguesia iluminista para se manter no poder, visto que a história da leitura como elemento de libertação está relacionada com as intenções de dominação dessa classe.

Existe um *status* ao redor da leitura, e, como dito anteriormente, principalmente de livros clássicos, que Abreu (2006) descreve que esse livros influenciam a vida de pessoas mesmo que elas nunca tenham lido tais livros. Ela diz que os “[...] livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social” e que alguns “[...] aprendem e tornam-se leitores literários [...] o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal” (Abreu, 2006, p. 19). Segundo a autora, os livros que são tidos como clássicos e o que se enquadra como boa literatura foram definidos assim por ações de legitimação de instâncias de poder. Pajeú e Santos (2021) reforçam essa ideia quando apontam que os relacionamentos definidos com a literatura são construídos dentro de um campo ideológico em que pessoas que ocupam determinadas posições de poder ditam quais são os livros “bons” e quais livros não valem o tempo de serem lidos.

O fato de apenas determinados livros serem considerados bons gera consequências para a cultura e ressoa até os dias atuais. A leitura por prazer é muito mais comum em classes sociais mais altas. Já a classe trabalhadora e operária, por ter uma jornada de trabalho muito mais exaustiva, não tem a mesma oportunidade de leitura, usando a leitura muito mais como ferramenta de aprendizado para ajudar a executar tarefas do que para o lazer e prazer (Pajeú; Santos, 2021)

De acordo com Pajeú e Santos (2021), livros de autores consagrados, poesias e contos, aumentam o status dos leitores e essa supervalorização da literatura faz com que apareçam obstáculos para que a leitura seja mais democrática e aproxime não-leitores, isso por que a percepção que é passada é de que essas pessoas não serão capazes de se tornarem leitores ávidos, pois as pessoas que possuem esse tipo de leitura são apenas os cultos e abastados.

2.2.3.2 Biblioteconomia Social e incentivo à leitura

Uma das vertentes da biblioteconomia social é o incentivo à leitura. Gravem (2022) traz a ideia de que a biblioteconomia e o profissional bibliotecário podem ser mediadores da leitura, pontes entre a pessoa e o livro.

Porém, a leitura, dentro da área do profissional da informação, foi colocada em segundo plano em meio aos interesses da profissão, talvez pelo fato de aceitar conceitos que entendem a informação como mercadoria (Almeida Junior; Bortolin, 2008). Almeida Júnior e Bortolin (2008) entendem que a ciência da informação se volta para a informação científica e tecnológica, mas a informação cultural é deixada de lado, assim como a leitura.

Entretanto, os autores defendem uma concepção diferente da usual. Para eles, a leitura é considerada fator central no trabalho do profissional da informação. Ela deve ser debatida no campo da ciência da informação para ser reconhecida como parte fundamental do processo de apropriação da informação (Almeida Junior; Bortolin, 2008).

A leitura é o caminho para a apropriação da informação e, sendo assim, é parte importante do processo de construção do conhecimento e pensamento crítico, que são partes das fases que se iniciam na apropriação. A leitura aqui não é pensada em um contexto de alfabetização, mas, sim, em um lugar mais amplo e com mais possibilidades, onde o “[...] leitor lê o texto inserido em um determinado contexto que influenciará seu relacionamento com o que é lido, numa construção individual e coletiva simultaneamente [...]” (Oliveira-Del Massa; Almeida Junior, 2017, p. 2).

Almeida Junior (2007) defende que a leitura é um elemento essencial quando se trata da apropriação da informação, essa leitura somente se torna algo concreto quando é interpretada, compreendida e contextualizada, e esse processo acontece por meio da mediação. Segundo o autor, por “[...] ser intangível, a informação precisa do documento para ser veiculada e apropriada. A informação também é disforme, moldando-se ao acervo de

conhecimentos de quem a procura. Assim, o documento permite a comunicação da informação.” (Almeida Junior, 2007, p. 44).

A decodificação desse documento será realizada, e a leitura permitirá que a informação seja apropriada. Todo o processo, desde a comunicação por meio do documento até sua transformação por uma pessoa, é denominado, por Almeida Junior (2007), de mediação da informação.

O autor reflete, com base nessa linha de raciocínio, que áreas das ciências da informação não fazem todos os seus processos em torno da informação, e sim, de algo que pode vir a ser uma informação, que aqui é chamada de “proto-informação”, por Almeida Junior (2007).

Cada leitura realizada por um sujeito é individual, pois cada pessoa possui um conjunto de saberes distintos, baseado em sua vivência pessoal única. A leitura só se concretiza no momento da mediação, e essa mediação da leitura constitui apenas uma parte do contexto mais amplo da mediação da informação (Almeida Júnior, 2007).

Almeida Junior e Bortolin (2008) destacam o perigo de se ter ideias conclusivas a respeito da leitura, pois são muitos os profissionais que trabalham com ela e também existem um grande número de suportes textuais. A cada dia esse número aumenta, fazendo com que seja difícil que todos esses profissionais cheguem a uma mesma compreensão sobre o assunto.

O interesse em formar leitores e a preocupação com tal atividade é de interesse de muitas áreas do conhecimento, já que a leitura é um recurso muito útil, complexo, completo e absolutamente necessário para o desenvolvimento de cada um, tanto no âmbito social quanto no intelectual, desse modo, o indivíduo pode se apropriar do conhecimento e ser também produtor dele (Silva; Almeida Junior, 2018).

Jardim (2019, p. 9) discute um problema relacionado à leitura e ao cidadão. A autora aponta que muitos não se identificam como leitores e veem a leitura como algo reservado a um grupo seletivo, e acreditam que a literatura não tem relevância para a sua realidade. A autora explica que o modo como a literatura é divulgada reforça a ideia de que a literatura não é para todos e faz a seguinte pergunta “como é possível alcançar-se os não leitores e as comunidades que não acreditam na leitura como algo essencial para compreenderem a si mesmas, reconhecendo o seu papel na sociedade em que vivem?”.

Para um processo de mudança são necessários planos para “realização de ações culturais de prática leitora” (Jardim, 2019, p. 10). “O saber ler”, conforme Jardim (2019, p. 10), faz muito mais pelo leitor, indo além da independência sobre variados aspectos. Esse

“saber” faz com que o leitor seja protagonista da própria história. Sobre como a leitura pode transformar, Santos (2009, p. 38) observa o seguinte:

Daí o acesso ao livro e formação leitora ser um direito básico de cidadania, de inclusão social e de desenvolvimento. É nessa perspectiva que o agente de leitura deve agir. Sua ação cultural é, por excelência, uma ação social de transformação da realidade onde ele está inserido. Numa dimensão mais ampla todo agente de leitura é um agente cultural e social.

De acordo com França (12, p. 74), ler é um instrumento poderoso contra a marginalização social, complementando a ideia dos autores acima. O leitor, o escritor e o mediador estão ligados ao desenvolvimento do incentivo à leitura, sistematizado pelo desenvolvimento da cidadania e por práticas sociais (Jardim, 2019, p. 8). Sendo o mediador e a mediação figuras importantes, elas devem estar sempre presentes na vida do leitor, em todas as fases da vida, para todos eles (Gravem, 2022, p. 24).

Contudo, a leitura não é apenas a respeito das palavras escritas em um documento (Almeida Junior, 2018, p. 27). Imagem fixa, imagem em movimento, corpo e som são outros modos de leitura possíveis, segundo Almeida Junior, que complementa “[...] a leitura não se dá apenas com o texto escrito, e a biblioteca deve se preocupar com todo tipo de leitura, pois todas elas lidam com a informação, e esta é a base de nosso fazer profissional.” (Almeida Junior, 2018, p. 31).

Silva, Oliveira e Nogueira (2017, p. 2) reforçam essa ideia, pois “[...] a leitura não se trata apenas de hábito ou prática, nem se quer apenas à decodificação de textos, ela está relacionada a um papel histórico e social, apresentando uma grande variação de acordo com o leitor.”

A mediação da leitura envolve de maneira abrangente a relação entre leitor e mediador e suas respectivas cargas, histórias e leituras de mundo. Ao iniciar o processo de incentivar a leitura é preciso entender que o sujeito, alvo desse incentivo, já possui concepções próprias e que essas concepções são muito importantes para a mediação. É necessário buscar entender essas circunstâncias para que a mediação seja feita da melhor forma possível (Oliveira-DelMassa; Almeida Júnior, 2017).

Oliveira-Del Massa e Almeida Júnior (2017) entendem que um dos grandes erros que ocorrem em relação a mediação da leitura é achar que a simples entrega do livro nas mãos do leitor é a mediação em si. No entanto, a mediação necessita que o mediador ajude o leitor a compreender aquele texto, pois, havendo a compreensão, pode existir também a apropriação; apenas dessa forma pode existir real envolvimento entre leitor e mediador.

3. FUNDAMENTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS

3.1 Pesquisa qualitativa, revisão narrativa e instrumento de coleta de dados

Como já visto na introdução, o objetivo da pesquisa é analisar se projetos de incentivo à leitura – autodeclarados no âmbito da biblioteconomia social – convergem ou são orientados por pressupostos direcionadores de uma teoria da biblioteconomia emergente. Esse interesse dialoga com interesses abordados por pesquisas qualitativas. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 24), a pesquisa qualitativa

Observa, analisa e interpreta os dados com base numa visão psicossocial, admitindo que exista uma relação entre o sujeito e a realidade (mundo real), ou seja, entre a subjetividade e o mundo objetivo que apenas números não conseguem responder às principais questões.

Segundo Almeida (2021, p. 70), uma pesquisa de caráter qualitativo não requer uso de técnicas matemáticas. A autora complementa, dizendo que tal pesquisa tende a ser descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os “focos principais de abordagem.”

Compreender a subjetividade na pesquisa qualitativa é reconhecer a dimensão humana de todos os envolvidos na investigação, pois trata-se de sujeitos sociais, históricos e culturais, singulares em suas vivências. Essa subjetividade se manifesta em diversos momentos da pesquisa: na (re)leitura dos referenciais teóricos, na interação entre pesquisador(a) e participantes e na análise e interpretação dos dados. Dessa forma, os dados qualitativos apresentam riqueza de detalhes por refletirem as vozes de sujeitos inseridos em contextos sociais e históricos específicos (Silva *et al.*, 2021).

De acordo com Gil (2022, p. 174), uma revisão é importante para dar contexto do problema e mostrar o quando se sabe sobre o tema em questão. O autor também afirma que a revisão traz a discussão crítica sobre textos utilizados.

Sobre a revisão narrativa, Ogassavara *et al.* (2023, p. 16) observam que “[...] pesquisas narrativas abordam os objetos de estudo, estando submetidos ao cenário real e suscetível a fatores da realidade.” Os autores ainda citam sobre como em uma revisão narrativa os pesquisadores participam ativamente, pois são eles que fazem apontamentos importantes da articulação teórica dos textos.

O instrumento escolhido para coleta de dados na pesquisa foi o questionário. Bastos *et al.* define como “[...] um conjunto de perguntas, que obedecem uma sequência lógica, sobre

variáveis e circunstâncias que se deseja medir ou descrever.” (Bastos *et al.*, 2023, p. 3). Novikoff (2020, p. 7) descreve como o questionário pode ser aplicado em diferentes vias, como papel, on-line, por telefone, entre outras formas.

As perguntas do questionário foram elaboradas a partir dos objetivos da pesquisa e do referencial teórico utilizado, considerando os aspectos mais importantes a serem investigados sobre os projetos. Inicialmente, foram feitas quatro perguntas voltadas para o perfil dos respondentes. Em seguida, o questionário abordou informações sobre os próprios projetos e, por fim, incluiu questões relacionadas ao entendimento dos participantes sobre biblioteconomia social e mediação de leitura. No total, foram formuladas 13 perguntas, disponibilizadas por meio da plataforma Google Forms.

O envio do questionário foi precedido por um primeiro contato via e-mail, no qual se perguntava às pessoas que participaram dos projetos se estariam dispostas a responder uma pesquisa sobre biblioteconomia e incentivo à leitura. Caso a resposta fosse positiva, um segundo e-mail era enviado com o link para o formulário. Algumas pessoas responderam prontamente; outras, no entanto, exigiram o reenvio da solicitação para diferentes endereços de e-mail. Um dos projetos, ao final, não respondeu nem ao e-mail inicial, nem ao e-mail com o link para o formulário. O processo de envio dos e-mails e de espera pelas respostas teve duração aproximada de 12 dias.

3.2 Ferramentas de busca em base de dados e análise dos dados

Esta monografia dá continuidade à pesquisa iniciada em um projeto de iniciação científica, cujo tema foi “Biblioteconomia social: mapeamento como subsídio para o estudo do valor social e institucional da mediação da informação”. Na etapa anterior, foi realizada uma pesquisa quantitativa com os termos “biblioteconomia social” e seu correspondente em inglês, “social librarianship”, em bases como Brapci (Base de Dados em Ciência da Informação), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), Google Acadêmico, Scopus e LISTA. Ao todo, foram selecionados 34 textos: 4 na Brapci, 2 na BDTD, 23 no Google Acadêmico, 4 na Scopus e 1 na LISTA.

Na presente pesquisa, correspondente à monografia, foi realizada uma nova busca com o objetivo de aprofundar a revisão de literatura, agora com foco no incentivo à leitura no contexto da biblioteconomia social. A busca concentrou-se em textos publicados entre 2018 e

2024, disponíveis em três fontes de informação: Brapci, BDTD e Google Acadêmico. Delimitou-se o recorte para textos em língua portuguesa, considerando que a pesquisa busca responder a questões relacionadas especificamente ao contexto nacional.

Foram selecionados 19 textos considerados relevantes para os objetivos da investigação: sete na Brapci, quatro na BDTD e oito no Google Acadêmico. A busca utilizou o termo “incentivo à leitura”, excluindo propositalmente materiais vinculados ao contexto escolar, com o intuito de compreender práticas de incentivo à leitura em outros espaços vinculados à biblioteconomia social.

Segundo Bardin (2011, p. 50), análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que possui “sequência sistemática que traz uma consistência na pesquisa diante”. (Sousa e Santos, 2020). Sousa e Santos complementam (2020, p. 1413)

Como toda técnica, requer rigorosidade e sistemática de regras que precisa ser aprendida e exercitada para assim, ser possível tirar o máximo de abstrações possíveis de um fato, fenômeno ou de uma resposta dada por um sujeito de pesquisa”

De acordo com Campos (2004, p. 613) não é necessário apenas produzir suposições sobre determinados pensamentos, como também “embasá-las com pressupostos teóricos de diversas concepções de mundo e com as situações concretas de seus produtores ou receptores.”.

Quadro 1 – Comparação entre objetivos e estratégias metodológicas

Objetivo	Estratégias
a) Estudar a percepção dos proponentes e dos executores e/ou os resultados dos projetos junto às comunidades de interesse.	Questionário e análise de conteúdo, a partir da revisão narrativa de literatura.
b) Comparar as práticas de mediação de leitura em projetos de biblioteconomia social, analisando os desafios e limitações das iniciativas.	Questionário e análise de conteúdo, a partir da revisão narrativa de literatura.
c) Investigar se os projetos estudados se alinham em uma abordagem tradicional ou emergente da biblioteconomia social.	Questionário e análise de conteúdo, a partir da revisão narrativa de literatura.

Fonte: Elaborado pela autora.

4. CONTEXTO E APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Com base na pesquisa intitulada *Biblioteconomia Social: mapeamento como subsídio para o estudo do valor social e institucional da mediação da informação*, foi utilizada a lista de textos selecionados para a verificação dos respectivos autores, resultando em um total de 39 nomes (Santos; Rabello, 2023).

Em uma etapa subsequente, foi realizada uma análise detalhada dos perfis acadêmicos desses 39 autores na plataforma *Lattes*, a fim de identificar possíveis vínculos com projetos de incentivo à leitura e atividades voltadas para a comunidade. A análise revelou que 14 autores participavam de algum projeto comunitário; no entanto, nem todos tinham relação direta ou explícita com a biblioteconomia social como área temática nos títulos das ações ou com o incentivo à leitura como foco principal de suas atividades acadêmicas ou profissionais.

Com base nos dados coletados, foi conduzida uma nova etapa de pesquisa para aprofundar o conhecimento sobre os projetos mencionados nos perfis dos autores. A seleção dos projetos seguiu critérios específicos para garantir sua adequação ao escopo do estudo. Foram considerados apenas projetos que: (1) contavam com a participação ativa de pelo menos um profissional da informação; (2) possuíam publicações relacionadas que documentassem suas práticas ou resultados; e (3) atuavam prioritariamente no contexto comunitário, excluindo aqueles desenvolvidos exclusivamente no ambiente escolar. Projetos vinculados a bibliotecas públicas e universitárias foram incluídos, desde que demonstrassem uma abordagem orientada para a interação e o desenvolvimento comunitário.

Após a aplicação desses critérios, três iniciativas se destacaram e foram selecionadas para análise mais aprofundada: Arvoreteca, Barco-Biblioteca e Carro-Biblioteca.

4.1 Apresentação do corpus: as iniciativas

4.1.1 Arvoreteca

“Arvoreteca” é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que teve seu início como um projeto na disciplina Bibliotecas Públicas Comunitárias e Alternativas, em 2013, com a ideia de uma biblioteca “diferente”, que, nesse primeiro momento, foi idealizada como uma árvore biblioteca, onde as pessoas pudessem “colher os

livros” que mais lhes interessassem, se guiando pela primeira lei de Ranganathan “Para cada livro seu leitor” (Mota, 2014).

O projeto tem como os seus principais objetivos proporcionar acesso à leitura por meio de uma biblioteca alternativa; levar a leitura ao encontro do leitor; motivar, pela criatividade, a leitura em bibliotecas e/ou espaços alternativos; estimular o desejo de novas leituras; proporcionar, ao indivíduo, através da leitura, a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais e culturais, garantindo a sua formação crítica e emancipadora; distribuir livros gratuitamente para comunidade riograndina.

A primeira ação do projeto ocorreu em um estacionamento da Universidade. Devido à recepção positiva pela comunidade, a iniciativa foi transformada em um projeto de extensão, que teve seu início em 2016. A equipe inicial era composta por duas bibliotecárias, um docente, uma bolsista e servidores técnico-administrativos do Sistema de Bibliotecas (SiB) (Silva, Oliveira e Nogueira, 2017).

De acordo com as autoras, o primeiro passo dado pelo projeto foi fazer uma campanha de doação de livros, fazendo muitas ações para que um grande número fosse alcançado, como entrar em contato com editoras, fundações e instituições sociais e privadas, além da mídia, confecção de cartazes e colaboração da biblioteca da Universidade (Silva; Oliveira; Nogueira, 2017).

O local escolhido para dar continuidade na Arvoreteca foi a Praça Tamandaré, que, de acordo com Mota (2014), é uma praça central e pelo grande fluxo de pessoas que passam por lá. A data escolhida para realizar a ação foi no começo de cada mês, devido ao movimento ainda maior na praça escolhida (Silva; Oliveira; Nogueira, 2017).

O material arrecadado foi carimbado e etiquetado com as informações do projeto e separado em categorias, com foco em literatura infantil e juvenil. De acordo com as autoras, nos primeiros nove meses do projeto “[...] foram distribuídos cerca de 1500 livros, a estimativa de público foi, em média, de 200 pessoas em cada ação.” (Silva, Oliveira e Nogueira, 2017, p. 5). Em cada uma dessas ações, os organizadores aplicaram um questionário para identificar o público e como os participantes avaliavam o projeto. Grande parte das respostas dizia como o projeto era importante.

4.1.2 Carro-biblioteca

O programa Carro-Biblioteca é um dos programas de extensão mais antigos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando desde 1973. O Carro-Biblioteca já passou por 23 comunidades periféricas da região metropolitana de Belo Horizonte (MG).

O programa teve quatro carros até 2015. O primeiro foi obtido em uma parceria com o INL (Instituto Nacional do Livro), uma Kombi de cor creme, adaptada com estantes internas que abrigavam cerca de 1.500 livros. A cada dia da semana, o carro ia a uma comunidade diferente em que não tinham fácil acesso a outras bibliotecas.

Em 1981, a Kombi foi trocada por uma outra, agora na cor azul. Esse novo veículo possuía estantes diferentes do primeiro, pois elas se abriam para o lado de fora, permitindo que os leitores tivessem contato direto com os livros antes de escolher um para levar para casa. Além disso, possuíam mesas e cadeiras dobráveis, que eram colocadas em frente à Kombi. Segundo os autores, “Atividades de incentivo à leitura passaram então a ser desenvolvidas no entorno do carro e estudos de usuários foram desenvolvidos nas comunidades: a importância do usuário leitor entrar em cena.” (Dumont *et al.*, 2015, p. 5)

O terceiro carro entra em ação em 1988 – um micro-ônibus. O programa, a partir desse momento, passa a assumir as despesas, que, até então, eram pagas pelo INL. Esse carro trouxe novas tecnologias da época, como um computador, usado para acessar o acervo e tornar o empréstimo e devolução de materiais mais rápido e simples, recurso que permitia a exibição de slides em seu interior e um sistema de som. Nessa época, o programa reavaliou seus objetivos e os definiu como facilitar o acesso à informação através do empréstimo de livros, revistas e outros materiais ao público que o frequenta; desenvolver trabalho de ação-cultural junto às comunidades, propiciando a emergência de suas manifestações culturais; estimular o gosto pela leitura e desenvolver o espírito de solidariedade e cooperação entre os usuários do Carro-Biblioteca; possibilitar o treinamento de alunos estagiários, proporcionando-lhes o contato com a realidade social, e a prática dos ensinamentos teóricos (Cabral; Dumont, 1990, p. 116).

O quarto carro foi adquirido pelo programa em 2006 e inaugurado em 2007, um ônibus, que é o veículo utilizado até a data atual, em 2024. Esse novo carro veio com ainda mais inovações tecnológicas, dessa vez oferecendo acesso a computadores conectados à internet e outros recursos.

O programa Caro-Biblioteca também possui projetos que se vinculam a ele. As autoras destacam quatro deles: o projeto Inclusão digital, realizado no telecentro do Carro-Biblioteca; o projeto Boletim Bairro a Bairro, um meio de comunicação entre as comunidades que eram atendidas pelo carro; o projeto Cidadania da Infância em Hipermídia, que formava agentes sociais na temática de direitos humanos; e o projeto Conto e Reconto, que tinha como objetivo despertar a leitura em crianças e adolescentes por meio de contação de histórias (Dumont *et al.*, 2015).

Até 2012, as comunidades que estivessem interessadas em receber o Carro-Biblioteca deveriam mandar uma solicitação para o CNEX/ECI (Centro de Extensão). A Escola de Ciência da Informação da UFMG com a indicação do possível lugar onde o carro poderia ficar e a quantidade de pessoas que participariam da ação. Também existiam alguns pré-requisitos para que a demanda fosse cumprida: “Manifestar por escrito interesse em receber o Carro-Biblioteca; não possuir, nas imediações, centros de informação ou bibliotecas em funcionamento; admitir percurso máximo de 30 minutos partindo da UFMG (Pampulha) até o ponto de parada.” (Duarte, 2012, p. 13).

Até 2015, o programa já tinha feito mais de 403.749 empréstimos (Dumont *et al.*, 2015).

4.1.3 Barco-biblioteca

A expedição Barco Biblioteca surgiu da visão da necessidade de levar conhecimento para comunidades ribeirinhas do Amazonas que estavam localizadas em regiões de difícil acesso e sem conexões por vias terrestres. O projeto teve como objetivo a inclusão informacional a partir da prática da leitura e da democratização do acesso ao livro.

Siqueira (2019) relata que o *modus operandi* surgiu com a organização sem fins lucrativos Instituto Ler para Crescer da Amazônia (ILPC), em 2006, que trabalha com doações e trabalho voluntário em defesa de crianças e adolescentes.

Para que as expedições pudessem ocorrer era necessária uma grande preparação. Primeiramente, os voluntários eram divididos em quatro grupos: captação de recursos, infraestrutura e logística, comunicação e, por fim, recreação. O primeiro grupo é responsável por buscar parcerias e arrecadação de livros. O segundo faz os contratos e compras necessários para que a ação seja realizada. O terceiro grupo trabalha juntamente com o primeiro, fazendo campanhas e para arrecadação de livros, mas também trabalham registrando

todo o processo das atividades. O quarto e último grupo faz a parte de planejar e executar as atividades que serão realizadas em cada comunidade.

O projeto chama os participantes que vão no barco de “marujos”, esses, na maior parte das vezes, só se conhecem quando chega a data da atividade. Como o projeto acontece aos fins de semana, e a equipe passa bastante tempo no barco indo de uma localidade a outra, eles recebem orientações sobre boas práticas para garantir uma convivência harmoniosa durante o período. Além disso, são instruídos a não alterarem de forma alguma aspectos da natureza ao redor, mesmo para guardar lembranças.

A cada edição, o barco leva de 15 a 20 pessoas, que novamente são divididas em grupo. O grupo “A” fica responsável pela montagem e desmontagem de tudo que é usado; o grupo “B” seleciona as crianças para as atividades e as divide em conjunto, caso seja necessário; o grupo “C” é quem fica responsável pelos cuidados com a equipe.

O projeto não avisa previamente às comunidades sobre a ação. Segundo Siqueira (2019), isso permite observar o cotidiano do local sem intervenções externas. Em cada comunidade em que o projeto chega, o coordenador da ação conversa com o líder do local, explica sobre as atividades que gostariam de desenvolver, perguntam à comunidade se eles gostariam de participar, caso eles aceitem, tudo é montado em um local indicado pelos moradores.

A partir disso, o grupo que está realizando a ação explica o objetivo para aqueles que vão participar. O primeiro passo é fazer com que os participantes se sintam à vontade. Para isso, uma dinâmica de descontração é realizada, depois é feita a contação de história em forma de teatro. O projeto ressalta que as temáticas são sempre para o despertar da consciência ambiental. Siqueira (2019) salienta a importância de se estabelecer um diálogo com a comunidade após a contação de história, que deve haver uma troca de experiências.

Caso o número de participantes na atividade fosse muito grande, eles poderiam ser divididos em grupos menores para fazer outras atividades. O grupo de adultos poderia se reunir para falarem sobre a comunidade, as crianças iriam para pequenas atividades, como oficinas de jogos e de origami, ou poderiam participar de uma mediação de leitura conduzida por um dos membros da expedição.

Após a realização das atividades, um lanche é oferecido. De acordo com Siqueira (2019), essa parte da ação pode ser criticada, mas os responsáveis pelo projeto entendem que aquelas pessoas estão em situação de vulnerabilidade social, e que, nesse caso, “[...] o ditado popular argentino é muito pertinente ‘Barriga cheia, coração contente’”.

Para finalizar a ação na comunidade, os membros da expedição chamam o líder da comunidade para agradecer a oportunidade e entregar “[...] uma caixa com o acervo de livros infanto-juvenis que ficará no local para incentivar a troca de livros entre os membros que ali habitam.” (Siqueira, 2019, p. 12).

Siqueira (2019) ressalta que o projeto enfrenta uma grande limitação: a periodicidade da atividade, sobretudo por ser um projeto realizado por voluntários e que necessita de recursos financeiros, principalmente para o aluguel do barco, que é a maior despesa. Outros desafios também impedem que a atividade possa ocorrer mais vezes, como a dificuldade de achar datas em que todos os voluntários estejam disponíveis.

Em 2019, o plano do projeto era propor para a Associação de Profissionais e Acadêmicos de Biblioteconomia do Amazonas, bem como permitir que a ação pudesse participar de editais de fomento, para que as expedições pudessem ocorrer duas vezes ao ano.

4.2 Resultados e discussões

Será abordado neste tópico os dados obtidos na pesquisa e a discussão sobre os resultados, que foi separada em três tópicos que se justapõem, dando respostas aos objetivos.

Os dados foram coletados via Google Forms, com *link* enviado para o e-mail de pessoas vinculadas aos respectivos projetos.

O questionário obteve resposta de dois projetos, e nenhuma resposta foi obtida do terceiro projeto. Para que se mantenha a anonimidade do processo, as respostas foram analisadas como Sujeito 1, relativo ao Projeto 1 (Arvoreteca) e Sujeito 2, relacionado ao Projeto 2 (Barco-Biblioteca).

Quanto à formação dos profissionais respondentes, tanto o Sujeito 1 quanto o Sujeito 2 são formados em Biblioteconomia, atuam na área a mais de 10 anos e trabalham em bibliotecas universitárias.

Quadro 2 - Atividades realizadas nas comunidades atendidas de acordo com os respondentes

Respondente	Atividades realizadas nas comunidades atendidas pelo projeto
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	O projeto consiste na arrecadação e, posteriormente, na doação de livros de literatura em geral, infantil e infanto-juvenil. Enquanto projeto de extensão, o Arvoreteca tem como objetivo proporcionar o acesso à leitura, através de uma biblioteca alternativa. Dispostos em árvores em uma praça no centro da cidade de Rio Grande (RS), os livros ficam disponíveis para retirada para as pessoas que por ali passam. Nesta perspectiva, o Arvoreteca tem trabalhado para proporcionar acesso à leitura e conscientizar a importância de incentivar o seu hábito. Por meio das ações realizadas, visa contribuir para a formação social, cultural e educacional da sociedade.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	O Barco Biblioteca tem como missão levar a leitura e a literatura às comunidades ribeirinhas do Amazonas, proporcionando, especialmente às crianças, um primeiro contato envolvente e significativo com os livros. A iniciativa busca estimular o gosto pela leitura de forma lúdica, criativa e prazerosa, embarcando os participantes no universo do imaginário literário. Além das atividades de incentivo à leitura, o projeto destaca a importância dos livros no cotidiano e no desenvolvimento profissional, ampliando as perspectivas dos leitores. Também promove reflexões sobre temas relevantes, como a consciência ambiental, incentivando a valorização e a preservação do meio ambiente.

Fonte: Elaborado pela autora.

O projeto Arvoreteca realiza atividades de doação de livros para proporcionar acesso à leitura e conscientizar sobre o hábito de ler, visando contribuir com a formação social cultural e educacional da sociedade. O projeto Barco-Biblioteca realiza atividades relacionadas a levar a leitura às comunidades, estimular o gosto pela leitura, destacar a importância dos livros e promover reflexões sobre temas relevantes como consciência ambiental.

Quadro 3 - Dificuldades enfrentadas na execução das atividades de acordo com os respondentes

Respondente	Principais dificuldades enfrentadas na execução das atividades do projeto
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Atualmente com poucas atividades, sentimos dificuldades em manter o projeto pela não contemplação em editais de projetos de extensão e, conseqüentemente, para seleção de bolsistas e de transporte da universidade.

Sujeito 2/ Projeto 2	As principais dificuldades enfrentadas na execução das atividades do Barco Biblioteca estão relacionadas, sobretudo, ao caráter voluntário do projeto. A maior delas é a arrecadação de verba para o aluguel do barco, essencial para viabilizar a expedição. Após essa etapa, outro desafio significativo é a conciliar a agenda dos voluntários, garantindo a participação dos selecionados para a ação.
Barco- Biblioteca	Além disso, fatores naturais também impõem desafios logísticos. A variação do nível dos rios, seja pela cheia ou pela seca, impacta diretamente no percurso planejado, exigindo adaptações conforme as condições indicadas pelo comandante da embarcação.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Sujeito 1 aponta que as dificuldades do projeto estão relacionadas principalmente com o fato do projeto não ser contemplado por editais, dificultando todo o processo, desde de verba até bolsistas, para que o projeto continue ativo.

O Sujeito 2 expõe dificuldades relacionadas ao fato do projeto ser voluntário. Dessa forma depende de doações para que se consiga alugar o barco, que é a maior dificuldade, visto o preço elevado. O projeto tem dificuldade para encontrar um dia que seja bom para todos os voluntários que participam. Além disso, o respondente ainda uma dificuldade que dificilmente pode ser transpassada, fatores naturais, como a variação do nível dos rios, que podem ter causas diferentes.

Quadro 4 - Planejamento das atividades de acordo com os respondentes

Respondente	Planejamento e execução das ações
Sujeito 1/ Projeto 1	Foram confeccionados cartazes, com explicações informativas sobre o projeto e deixados em pontos estratégicos dentro da universidade (bibliotecas, setores administrativos, unidades, institutos), como pontos de arrecadação. Foi disponibilizado também um áudio com as informações do projeto, para ser reproduzido no sistema de rádio da Praça Tamandaré, sendo este transmitido diariamente. Ocorridas as ações de publicidade sobre o projeto e recebidas as doações, avançamos para organização deste material. Foram produzidas etiquetas e carimbos de identificação do projeto para serem afixados nos livros. Confeccionou-se também marca-páginas para distribuir juntamente com o material, folhetos explicativos do projeto e banner para exposição na área em que ocorreria a ação. Outra decisão a ser tomada foi o período em que as ações aconteceriam. Optou-se por escolher sempre dias de início de mês, visando a movimentação no centro da cidade. A partir da definição da data, realizava-se o agendamento de viatura da FURG para transporte do material, sendo que a ação tinha duração prevista
Arvoreteca	

	de até quatro horas; um novo áudio era enviado para a administração da Praça Tamandaré, convidando a população para a ação; bem como realizava-se novo contato com os meios de comunicação para a divulgação da data. A fim de atingir todas as faixas etárias, a separação do material se deu por categorias: literatura infantil, juvenil e em geral. No dia da ação, antes do horário agendado, penduramos os livros por meio de barbantes nas árvores, oferecendo a ideia de colheita.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	A seleção das comunidades a serem visitadas ocorre de forma dinâmica e flexível, respeitando o tempo disponível e a rota estabelecida, que geralmente é definida pelo comandante da embarcação. Essa escolha leva em consideração o conhecimento local dos rios, as particularidades geográficas e os fatores climáticos que podem impactar a navegação. Em cada viagem, o barco visita entre duas e quatro comunidades, dependendo da distância entre elas. Um aspecto fundamental do projeto é a chegada surpresa, sem aviso prévio às comunidades. Essa estratégia permite que a equipe conheça a realidade local de forma autêntica, sem preparações artificiais. Ao chegar à comunidade, o porta-voz do projeto busca o líder local para estabelecer o primeiro contato e apresentar a iniciativa. Em seguida, a equipe expõe de forma objetiva as atividades planejadas e os objetivos da ação, explicando a proposta do Barco Biblioteca. Após essa introdução, consulta-se a comunidade sobre seu interesse em participar e solicita-se autorização para a realização das atividades, além de verificar a disponibilidade de um espaço adequado para execução das ações. Uma vez obtida a aprovação, a equipe se mobiliza para preparar o ambiente, organizando os materiais necessários e estruturando o espaço de maneira acessível e convidativa. Esse processo garante que as atividades sejam conduzidas de forma respeitosa e alinhada às necessidades da comunidade, promovendo uma experiência significativa e enriquecedora para todos os envolvidos.

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível notar que o projeto Arvoretca comunica a ação e chama o público para participar e interagir, se preocupando em realizar a ação em um lugar movimentado, visando atingir maior público, o projeto Barco-Biblioteca vai até a comunidade que fará participação do projeto, atingindo pessoas de forma focalizada e específica.

Quadro 5 - Avaliação dos respondentes sobre receptividade dos participantes das atividades

Respondente	Receptividade dos participantes em relação às atividades desenvolvidas
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Em nove ações do Arvoreteca, foram distribuídos cerca de 1500 livros, a estimativa de público foi, em média, de 200 pessoas em cada ação. Salienta-se a grande presença do público infantil, visto que mais de 500 livros infantis foram colhidos. Em todas as ações, aplicamos um breve questionário com o objetivo de conhecer o público participativo. Além da profissão, sexo e idade, perguntamos qual a opinião sobre o projeto. A maioria dos depoimentos exalta a importância do Arvoreteca, enquanto projeto de incentivo à leitura realizado em um local público e por ser um evento gratuito com o objetivo de doar livros, doar oportunidades.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	A recepção das atividades desenvolvidas pelo Barco Biblioteca sempre foi marcada por momentos de grande beleza e alegria, especialmente para as crianças que recebem o grupo com entusiasmo. Durante as ações, elas se encantam com as histórias e as mensagens sobre os animais e frutos da região, demonstrando curiosidade e interesse genuíno. Os voluntários que participam dessa experiência relatam uma vivência emocionante e transformadora, pois não apenas transmitem carinho e conhecimento, mas também recebem em troca gestos de gratidão e afeto dos pequenos moradores das comunidades ribeirinhas da Amazônia. A transformação não se restringe às crianças atendidas; os próprios voluntários, vindos de diversas áreas – como biblioteconomia, design, jornalismo, pedagogia, direito, programação, assistência social e psicologia – compartilham relatos de impacto significativo em suas vidas após a participação no projeto. A comunicação das crianças ocorre de forma espontânea, seja pelo olhar brilhante e atento durante as rodas de leitura, seja por perguntas cheias de curiosidade e expectativa, como: "Como vocês chegaram aqui?", "Quando voltarão?" e "Por que nos escolheram?". Esses momentos reforçam a importância da iniciativa e a necessidade de sua continuidade, levando leitura, cultura e sonhos a quem mais precisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível notar que, em ambos os projetos, o público mais afetado é o infantil. O Sujeito 1 destaca que a maior parte do público é infantil, sendo o Arvoreteca o projeto com maior quantidade de livros doados. O Sujeito 2 destaca como as crianças ficam felizes quando o projeto Barco-Biblioteca chega em suas comunidades.

O Sujeito 1 explica que em todas as ações foi aplicado um questionário e em sua grande maioria tiveram respostas positivas em relação ao projeto e sua importância, pois é um projeto de incentivo à leitura gratuito em um local público.

O Sujeito 2 destaca que os voluntários da ação também se sentem transformados depois de sua participação no projeto, “[...] pois não apenas transmitem carinho e

conhecimento, mas também recebem em troca gestos de gratidão e afeto dos pequenos moradores das comunidades [...]”.

Quadro 6 - Avaliação dos respondentes sobre construção de um conhecimento coletivo e troca entre os participantes

Respondente	Construção de um conhecimento coletivo e troca entre os participantes
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Todas as ações foram muito bem recebidas. A alegria de crianças e adultos podendo levar um livro para cada é contagiante. Com o passar dos meses, algumas pessoas que tinham colhido livros nos procuravam na mesma praça trazendo os livros de volta para retirar outros.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	Sim, o Barco Biblioteca desempenha um papel fundamental na construção de conhecimento e práticas coletivas, promovendo um ambiente de troca de saberes entre os participantes. Essa interação ocorre de diversas formas, tanto para as comunidades atendidas quanto para os voluntários envolvidos. Para as comunidades ribeirinhas, o projeto amplia horizontes ao apresentar novas narrativas, despertando o interesse pela leitura e incentivando o aprendizado de forma lúdica. O contato com livros e atividades culturais não apenas fortalece a identidade local, ao valorizar elementos da fauna, flora e cultura amazônica, mas também permite que crianças e adultos desenvolvam novas formas de expressão e pensamento crítico. Já para os voluntários, a experiência proporciona uma imersão em realidades muitas vezes desconhecidas, possibilitando um aprendizado prático sobre a diversidade social e cultural do Brasil. Além disso, a presença de profissionais de diferentes áreas – como biblioteconomia, pedagogia, design, jornalismo, direito, psicologia e assistência social – cria um ambiente de aprendizagem interdisciplinar, onde cada participante contribui com sua bagagem de conhecimento e recebe novas perspectivas em troca. Essa dinâmica fortalece valores como colaboração, empatia e responsabilidade social, transformando a experiência do projeto em um espaço de construção coletiva, onde tanto os visitantes quanto os moradores das comunidades compartilham vivências e ampliam seus repertórios culturais.

Fonte: Elaborado pela autora.

O Sujeito 1 tem o entendimento de que existe uma construção de conhecimento coletivo e troca, pois todas as ações foram muito bem recebidas. Comenta ainda sobre como é contagiante a alegria de cada participante, podendo levar um livro, o respondente também explica que alguns desses participantes retornam a outras ações para devolver o livro e pegar outro.

O Sujeito 2 entende que o projeto desempenha “[...] papel fundamental na construção de conhecimento e práticas coletivas, promovendo um ambiente de troca de saberes entre os participantes”, e não apenas para as comunidades contempladas, mas também para os voluntários do projeto. O respondente ressalta que o projeto amplia os horizontes, desperta o interesse pela leitura, incentiva o aprendizado de forma lúdica, fortalece identidade local, por meio da valorização da fauna, flora e cultura amazônica e “[...] permite que crianças e adultos desenvolvam novas formas de expressão e pensamento crítico.”. Para os voluntários do projeto também ocorre uma troca, tanto com as comunidades, em que eles conhecem novas realidades, quanto entre eles mesmos, por ser um grupo interdisciplinar.

Quadro 7 - Pontos fortes e fracos do projeto de acordo com os respondentes

Respondente	Pontos fortes do projeto	Pontos fracos do projeto
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Como ponto forte destaco a relação universidade-comunidade, pois, muitas vezes, a universidade, mesmo federal, pode ser vista como um lugar seletivo, mas aproveitamos as ações da Arvoreteca para também convidar a comunidade para conhecer nossas bibliotecas e fazer uso delas.	Como ponto fraco, acredito que seja a descontinuidade do projeto. Criamos uma expectativa, mas não conseguimos mantê-lo.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	Pontos Fortes: Impacto social e educacional – As ações incentivam a leitura e estimulam a criatividade das crianças, despertando o interesse pelo conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento educacional. // Caráter interdisciplinar e diversidade de voluntários – A participação de profissionais de diferentes áreas permite abordagens variadas e inovadoras na mediação da leitura e na programação das atividades ofertadas. – Apesar do impacto positivo imediato, o projeto enfrenta dificuldades para manter um acompanhamento frequente e contínuo nas localidades atendidas, o que poderia gerar um impacto ainda mais duradouro. Apesar dessas dificuldades, o Barco Biblioteca continua sendo uma	Pontos fracos: Dificuldade de financiamento – Sendo um projeto voluntário, um dos principais desafios é a arrecadação de recursos para cobrir custos essenciais, como o aluguel da embarcação e aquisição de materiais. Sem apoio financeiro contínuo, a execução das atividades fica comprometida. // Logística complexa – A definição da rota depende de diversos fatores, como as condições climáticas e a variação do nível dos rios, o que pode afetar o planejamento e a regularidade das expedições. // Ausência de continuidade na atuação nas comunidades

	iniciativa de grande relevância, reforçando a importância do apoio institucional e da mobilização de recursos para garantir sua sustentabilidade e crescimento.	
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o Sujeito 1, os pontos fortes do projeto estão relacionados com a relação que ele cria entre a comunidade e a universidade, e como isso pode ajudar a aproximar essas pessoas das bibliotecas convencionais. Como ponto fraco, o respondente destaca a descontinuidade do projeto.

O Sujeito 2 destaca como pontos fortes o impacto do projeto, tanto socialmente quanto educacionalmente, a interdisciplinaridade do projeto, devido aos voluntários de áreas diferentes. Como pontos fracos é destacado a dificuldade de conseguir financiamento, pelo carácter voluntário do projeto, assim como o grande planejamento exigido, pois planejar tudo com um barco torna o projeto mais complexo. Outro ponto negativo é a não continuidade das ações nas comunidades.

Quadro 8 - Avaliação dos respondentes sobre as características da “biblioteconomia social”

Respondente	Principais características da “biblioteconomia social”
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Acredito que a cada dia que vivemos cada pessoa tem mais consciência e amadurecimento do nosso papel social. Enquanto servidores públicos, nossa responsabilidade também é desenvolver ações que integrem o Estado com a comunidade.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	Biblioteconomia Social desempenha um papel fundamental no fortalecimento do acesso à informação, cultura e leitura para grupos em situação de vulnerabilidade. Diferente do modelo tradicional, essa abordagem ultrapassa os limites físicos das bibliotecas convencionais e busca uma inserção ativa na comunidade, promovendo ações adaptadas às realidades sociais e culturais locais. Uma de suas características centrais é garantir que todos, independentemente de classe social, localização geográfica ou condição socioeconômica, tenham acesso equitativo ao conhecimento e à informação. Isso significa criar estratégias que democratizem esse acesso, seja por meio de bibliotecas itinerantes, espaços de leitura comunitários ou atividades educativas em ambientes não convencionais. Além disso, a Biblioteconomia Social também se destaca ao conscientizar

	sobre o uso da informação como ferramenta de transformação social. O conhecimento, quando acessível e bem-mediado, empodera indivíduos, fortalece a cidadania e possibilita melhorias concretas na qualidade de vida das comunidades atendidas. Assim, essa vertente da biblioteconomia não apenas disponibiliza recursos informacionais, mas atua diretamente na mediação do aprendizado, na construção coletiva do saber e no fortalecimento do senso de pertencimento e identidade cultural.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

O Sujeito 1 avalia que mesmo como servidor público, o bibliotecário também tem como dever fazer uma integração entre Estado e comunidade. O respondente fala sobre consciência e sobre o amadurecimento do papel social desse profissional.

O Sujeito 2 avalia que a biblioteconomia social é fundamental para o acesso à informação, principalmente para grupos em situação de vulnerabilidade, já que a biblioteconomia social pode ir além do espaço físico e ser adaptada para a realidade de cada grupo. O respondente cita direito equitativo ao conhecimento e à informação para todos, por meio da democratização desse acesso ou por bibliotecas não tradicionais. Por último o respondente também fala sobre como a biblioteconomia social faz um trabalho ‘[...] na mediação do aprendizado, na construção coletiva do saber e no fortalecimento do senso de pertencimento e identidade cultural.’.

Quadro 9 - Principais contribuições de bibliotecário e/ou incentivador de leitura a um projeto

Respondente	Contribuições de bibliotecário e/ou incentivador de leitura a um projeto
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Entendemos o quão relevante se faz ações desenvolvidas no âmbito da biblioteca para além do espaço físico deste local. Acreditamos no seu papel de disponibilizar acesso à informação para toda a sociedade, de maneira a proporcionar educação e acima de tudo, multiplicar espaços sociais. Ao haver essa pluralização é possível a aproximação de uma evolução social, tendo assim cidadãos que agregam valores inestimáveis a si mesmos e a sociedade em geral. É neste sentido que o Arvoreteca atua como projeto social que estende o acesso à leitura de dentro da Universidade para a comunidade que está em seu entorno.
Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	O bibliotecário ou incentivador de leitura desempenha um papel fundamental na Biblioteconomia Social, indo além da simples disponibilização de livros. Sua atuação envolve uma curadoria cuidadosa, levando em consideração a realidade sociocultural das comunidades atendidas, garantindo que as obras selecionadas dialoguem com os interesses, identidades e necessidades locais. Isso se reflete na valorização de narrativas regionais e na inclusão de materiais acessíveis para diferentes

	faixas etárias e níveis de letramento, tornando a leitura um direito efetivamente democrático. Somado a isso, o profissional utiliza estratégias lúdicas e interativas para engajar os leitores, como rodas de histórias, dramatizações, oficinas e gamificação da leitura, tornando o processo mais envolvente e significativo. Sua atuação também pode estimular a criação de clubes de leitura, bibliotecas comunitárias e espaços permanentes de troca de saberes, incentivando a participação ativa da comunidade na gestão e sustentabilidade dessas iniciativas. Dessa forma, o papel do bibliotecário e do incentivador de leitura nesses projetos vai muito além do suporte técnico ou logístico. Eles são agentes de transformação social, utilizando a leitura como uma ferramenta de inclusão, educação e fortalecimento comunitário, promovendo impactos duradouros nas comunidades atendidas e ampliando o acesso à informação e ao conhecimento.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

O Sujeito 1 avalia que as principais contribuições são as ações realizadas pelo projeto, pois elas expandem para além do espaço físico da biblioteca o acesso à informação. Dessa forma, mais pessoas são alcançadas e os espaços sociais são multiplicados, e com isso haverá “[...] cidadãos que agregam valores inestimáveis a si mesmos e a sociedade em geral.”

O Sujeito 2 reflete que o papel do bibliotecário em um projeto de incentivo à leitura vai além do suporte técnico. Esse profissional seria o responsável por fazer uma curadoria específica para cada comunidade, fazendo com que os livros dialoguem com essas pessoas. O bibliotecário, nesse espaço, também é responsável por utilizar estratégias lúdicas e interativas para que os leitores se conectem o máximo possível, sendo esse profissional um agente de transformação social, que utiliza a leitura como meio para educação, inclusão e fortalecimento comunitário, “[...] promovendo impactos duradouros nas comunidades atendidas e ampliando o acesso à informação e ao conhecimento.”.

Quadro 10 - Avaliação dos respondentes sobre a neutralidade do mediador incentivador de leitura

Respondente	O mediador incentivador da leitura é um profissional neutro?
Sujeito 1/ Projeto 1 Arvoreteca	Acredito que sim. Por termos uma visão do geral para o específico, conseguimos entender que toda obra possui seu papel de levar informação e entretenimento a diferentes públicos.

Sujeito 2/ Projeto 2 Barco- Biblioteca	A mediação da informação nunca é um processo neutro, pois envolve intencionalidade, contexto sociocultural e subjetividade do mediador. Ao atuar como ponte entre o leitor e o conhecimento, o mediador faz escolhas que influenciam diretamente a experiência do público, desde a seleção dos materiais até a forma como conduz as atividades de leitura. A mediação é um ato social e político, pois envolve valores, crenças e práticas que refletem a realidade do mediador e das comunidades atendidas. Nesse sentido, a neutralidade seria uma ilusão, pois todo ato de mediação carrega intencionalidades, seja na escolha dos livros trabalhados, no discurso adotado ou nos enfoques temáticos priorizados.
---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

O Sujeito 1 acredita na neutralidade do mediador, por esse profissional ter uma visão geral e entender que toda obra leva informação a diferentes públicos.

O Sujeito 2 acredita que o mediador não é neutro, “[...] pois envolve intencionalidade, contexto sociocultural e subjetividade do mediador.” O respondente entende que o mediador atua como ponte entre leitor e conhecimento, e que nesse processo o profissional faz escolhas que influenciam o público. O respondente complementa dizendo que a mediação reflete a realidade do mediador e das comunidades, e que a neutralidade seria uma ilusão, pois a mediação carrega intencionalidade.

4.2.1 Percepção dos proponentes e dos executores e/ou os resultados dos projetos junto às comunidades de interesse

Aqui serão analisadas, com base nas respostas obtidas, os indicadores de impacto, as reações da comunidade e a percepção dos voluntários, para compreender os resultados dos projetos nas comunidades atendidas de acordo com a percepção dos proponentes.

Indicadores de impacto neste trabalho são as ações feitas pelos projetos e como isso afetou o público com o qual o projeto trabalha.

Os indicadores de impacto e reações da comunidade do projeto Arvoreteca são: a grande doação de número de livros; o retorno de pessoas para devolver e pegar novos livros; as respostas positivas, das pessoas que pegaram livros, ao questionário aplicado pelo projeto; a alta quantidade de público em cada edição do projeto; a alegria das crianças e adultos ao poderem levar um livro para casa.

Os indicadores de impacto e reações da comunidade do projeto Barco-Biblioteca são: ações realizadas recebidas com alegria; crianças entusiasmadas com a ação; demonstração de interesse e curiosidade por parte das crianças; perguntas do tipo “quando voltarão?”, feitas por crianças que participaram da ação; a promoção de ambiente de troca de saberes entre os participantes; ampliação de horizontes ao serem apresentadas novas narrativas; o despertar do interesse pela leitura; fortalecimento da cultura local; desenvolvimento de novas formas de expressão e pensamento crítico.

A percepção dos voluntários do projeto Arvoreteca são de que: a alegria das pessoas que pegam os livros é contagiante; da compreensão da relevância do projeto.

A percepção dos voluntários do projeto Barco-Biblioteca são de que: a experiência com o projeto é transformadora e emocionante para os próprios voluntários; os voluntários recebem gestos de gratidão e afeto das comunidades; os voluntários relatam o grande impacto em suas vidas após a participação no projeto; os voluntários também aprendem com o projeto, conhecendo novas realidades e sobre as diversidade cultural e social do Brasil; novas percepções por tem voluntários de diversas áreas; espaço de construção coletiva.

Avaliando os pontos expostos, é possível observar que os projetos têm determinado impacto, sendo o primeiro bastante significativo, com os participantes demonstrando grande emoção pela iniciativa. Por não serem projetos contínuos, é mais difícil medir o impacto a longo prazo, entretanto, se a ideia de Flusser (1983) for seguida, de que o primeiro passo da ação cultural e da animação cultural e bibliotecária é despertar os sujeitos para que possa haver interação entre eles e, também, sua participação no universo cultural, os projetos têm boas perspectivas de impacto a longo prazo, pois já terão despertado os sujeitos para novas interações.

4.2.2 Práticas de mediação de leitura em projetos de biblioteconomia social

Neste tópico serão analisadas as práticas e seus objetivos, abordagens de mediação e desafios e limitações de cada projeto.

Os tipos de prática do projeto Arvoreteca são: biblioteca alternativa; doação de livros em espaço aberto e público; convocação da comunidade para saber e participar da ação; ficar em local com muita movimentação; fazer a ação sempre da mesma época do mês, o que cria constância; convite a comunidade para fazer uso das bibliotecas.

Essas práticas têm como objetivo trazer um público que não é alcançado pelas bibliotecas; promover o acesso à leitura; aproximar a comunidade da universidade; conscientizar sobre a importância de do hábito da leitura; contribuir para formação social, cultural e educacional da sociedade.

Os tipos de prática do projeto Barco-Biblioteca são: leva a leitura e a literatura para comunidades afastadas; destaca a importância dos livros no cotidiano e no desenvolvimento profissional; promove reflexão sobre consciência ambiental; incentiva a valorização e preservação do meio ambiente; busca chegar sem avisar a comunidade da visita; amplia horizontes ao apresentar novas narrativas; fortalece a identidade local; valoriza elementos da fauna, flora e cultura amazônica; permite que crianças e adultos desenvolvam novas formas de expressão e pensamento crítico; construção coletiva de vivências e repertório cultural; abordagens variadas e inovadoras de mediação da leitura. As práticas do projeto Barco-Biblioteca tem como objetivo: estimular o gosto pela leitura.

As abordagens de mediação do projeto Arvoreteca são mais voltadas aos voluntários estarem ali e se comunicarem com o público.

As abordagens de mediação do projeto Barco-Biblioteca são diversas, como descrito pelo respondente. Pode ser citado a forma lúdica e criativa que são feitas as atividades com as crianças, a forma como o projeto busca atender as demandas de cada comunidade em que visita, a forma como os adultos também compartilham suas vivências e a troca entre todas as pessoas envolvidas.

Desafios e pontos fracos do projeto Arvoreteca envolvem manter o projeto, pois há uma falta de contemplação em editais que permitam que o projeto continue, pois é desses editais que se obtém o transporte e voluntários que trabalham no projeto, nesse caso, extensionistas. Como ponto fraco, o respondente citou a descontinuidade do projeto,

Desafios e pontos fracos do projeto Barco-Biblioteca estão majoritariamente associados ao fato de ser um projeto voluntário, dependendo da verba para fazer o aluguel do barco, que é a maior demanda. O projeto ainda lida com a dificuldade de conciliar a agenda dos voluntários. Outro fator que dificulta a ação do projeto são os fatores naturais, como as cheias e secas que os rios enfrentam. Os pontos fracos do projeto Barco-Biblioteca estão ligados à dificuldade de arrecadação financeira, o que leva a outro ponto fraco citado pelo respondente, a falta de continuidade atuação nas comunidades. Também foi colocado como ponto fraco a logística complexa que envolve a rota para as comunidades, que pode ser afetada por muitos fatores climáticos, podendo afetar o planejamento das ações.

Os dois projetos têm pontos em comum, principalmente no que se refere ao objetivos e obstáculos. Além de serem projetos de incentivo à leitura, buscam promover espaços alternativos para que pessoas que não têm acesso fácil a bibliotecas possam ter contato com livros, promovem a formação social, educacional e profissional.

Entre os obstáculos, os projetos compartilham da dificuldade de depender financeiramente de terceiros, seja em editais ou doações, que são importantes, principalmente para transporte. Outro problema identificado pelos respondentes em ambos os projetos é a falta de continuidade, que se dá pela dependência de financiamento que nem sempre é alcançado.

4.2.3 Alinhamento dos projetos estudados

Neste tópico busca se entender de que forma os projetos se encaixam ou não nas perspectivas de biblioteconomia emergente ou tradicional. Para isso foi usado como base os textos de Flusser (1980; 1983) sobre a Biblioteca Ação-Cultural.

O projeto Arvoreteca, realiza ações em espaços abertos e públicos com a intenção de que as pessoas que passam por ali peguem livros. Essas pessoas podem ser tanto usuários de outras bibliotecas, como pessoas que não tem nenhum contato com essas instituições. O projeto Barco-Biblioteca se dirige às comunidades que pretendem realizar a ação. Tais comunidades são afastadas e não possuem muitas possibilidades de irem às bibliotecas, Flusser (1980) aponta que o trabalho da biblioteca emergente é dar a palavra ao não-público, sendo assim, os dois projetos se valem dessa perspectiva.

O projeto Arvoreteca é realizado em uma praça de grande movimentação. Já o projeto Barco-Biblioteca vai até as comunidades isoladas. Uma biblioteca que é implantada, corre o risco de ser rejeitada pela comunidade (Flusser, 1980). Uma biblioteca não-tradicional, nascida da necessidade de uma comunidade, corre bem menos riscos de ser rejeitada (Flusser 1983). Considerando as ideias de Flusser, os dois projetos estão em perspectivas emergentes, por serem bibliotecas não tradicionais, mas o projeto Arvoreteca poderia ter sido rejeitado pela comunidade.

Isso porque o projeto Arvoreteca tem uma mediação que se assemelha a mediação mais distante. Os voluntários estão ali e incentivam o público que passa a pegar livros, conversam com essas pessoas e as guiam. O respondente do Projeto 1 acredita que o papel de um bibliotecário e/ou incentivador de leitura é "[...] disponibilizar acesso à informação para

toda sociedade [...]”, pois assim poderia haver mais educação, mais espaços sociais e pessoas que entendem seu valor e o da sociedade.

O projeto Barco-Biblioteca tem uma mediação ativa, não apenas de bibliotecários, fazendo diversas atividades que permeiam o incentivo de pensamento. O respondente do Barco-Biblioteca acredita na relevância da atuação do profissional, para ele a atuação vai “[...] além da simples disponibilização de livros.”. Para Flusser (1980, 137), o profissional de uma biblioteca tradicional está ali para atender as demandas que possam surgir, responder dúvidas e ajudar os usuários. Já na biblioteca emergente esse profissional agrega a seu trabalho o papel de ser agente de impulso na ação cultural. Nesse sentido, o projeto Arvoreteca, tem uma ação tradicional e, com o foco no acesso, o projeto Barco-Biblioteca desenvolve ações que convergem com premissas de uma mediação emergente para o incentivo da leitura.

O projeto Arvoreteca faz a distribuição de livros, com as categorias de infantil, juvenil e geral, esses livros são oferecidos às pessoas que passam pelo local. Elas podem escolher o livro que consideram mais interessante. O projeto Barco-Biblioteca trabalha com comunidades que possuem características específicas, e trabalha com essas comunidades para fortalecer sua cultura. Ele também oferece outras perspectivas e trabalha para que cada pessoa possa criar uma nova forma de pensar e se expressar.

Flusser (1980; 1983) expõe dois pontos, o primeiro é que a biblioteca tradicional possui livros e os oferece a determinado grupo, o segundo é de que a biblioteca emergente é responsável por fazer com que uma pessoa possa ter criatividade própria, possa ter a capacidade de decodificação, mas respeitando a cultura pessoal da comunidade e por fim possa quebrar barreiras e gerar uma transformação cultural. O projeto Arvoreteca se aproxima do primeiro ponto (tradicional) e o projeto Barco-Biblioteca tem elementos semelhantes que se aproximam aos citados no segundo ponto (emergente).

Os respondentes divergiram em relação a neutralidade um mediador, Moraes (2018) e Tanus (2018) fazem reflexões sobre a possibilidade do profissional da informação ser neutro, e aqui pode se considerar o mediador incentivador de leitura também como um “profissional da informação”.¹ De acordo com Moraes (2018), esse profissional não deve se abster e nem ser neutro, visto que faz interações com a sociedade e deve impactar positivamente. Tanus (2018) segue a mesma linha sobre a necessidade de não ser imparcial e neutro, para haver profissionais despertos e que estejam dispostos a fazer mudanças.

¹ As aspas são colocadas para relativizar, já que nem sempre um mediador voluntário possui formação universitária em informação.

É possível notar que, seguindo as noções de tradicional emergente expostas por Flusser (1980; 1983), o projeto Arvoreteca, se aproxima mais de uma abordagem tradicional, levando em consideração quantidade de pontos em comum, porém, o projeto também possui características emergentes, dado ao caráter de ser um projeto no âmbito da biblioteconomia social, voltado para o incentivo à leitura e também ao não-público. O projeto Barco-Biblioteca se aproxima mais de uma abordagem emergente, com muitos pontos que se encontram com o que foi descrito por Flusser.

5. CONCLUSÃO

Devido à importância dos projetos de incentivo à leitura, este trabalho analisou seus resultados, comparou práticas de mediação e investigou seu alinhamento com abordagens tradicionais ou emergentes da biblioteconomia. Tais iniciativas se inserem na biblioteconomia social, um campo ainda pouco explorado, o que reforça a relevância deste estudo.

A revisão de literatura evidenciou o caráter tecnicista da biblioteconomia e a necessidade de uma abordagem mais ampla, que contemple a biblioteconomia emergente e o papel essencial da mediação. Além disso, destacou-se que a leitura, embora fundamental para a sociedade, não se restringe ao texto escrito, abrangendo múltiplas formas de acesso ao conhecimento.

Foi possível observar que os projetos analisados possuem impacto sobre os sujeitos, pois em muitos momentos, essas pessoas demonstram alegria e emoção ao saber que poderão participar daquela ação. As pessoas que realizaram a ação também demonstraram grande emoção e vivências ao participarem como voluntários, sendo um dos pontos apontados por ambos os projetos o fato de que os voluntários ficam satisfeitos em ver a felicidade das pessoas que participam das ações.

Notou-se algumas semelhanças entre os projetos analisados, tanto em relação aos objetivos, quanto às dificuldades enfrentadas. Os dois projetos buscam promover espaços alternativos de acesso à informação para pessoas que possuem menos possibilidades de chegar até ela; os projetos também têm como objetivos incentivar a leitura e esperam que essas ações possam transformar as pessoas que atendem, para que possam ser mais ativos socialmente.

Entre as dificuldades enfrentadas pelos projetos, a que parece mais afetar é a falta de verba e de apoio. Sendo projetos compostos de voluntários, não conseguem se manter sem esses auxílios, tornando o trabalho mais difícil de ser continuado.

Por último foi analisado se os projetos estavam mais voltados para uma abordagem tradicional ou emergente da biblioteconomia. O projeto Arvoreteca se mostrou mais voltado para uma abordagem tradicional, embora as ações estejam voltadas principalmente para a doação de livros, com uma mediação menos direta, o projeto também apresenta elementos alinhados à biblioteconomia emergente, como a iniciativa de sair do espaço físico da biblioteca para alcançar pessoas que não têm acesso facilitado a essa instituição. O projeto Barco-Biblioteca teve mais pontos em comum com a abordagem emergente, com

similaridades próximas ao que Flusser (1980) chamou de ação cultural, como o deslocamento até comunidades que demandam maior acesso à informação, a proposição de mediações mais diretas, e o esforço em desenvolver ações voltadas para temas fortemente presentes na realidade dessas comunidades.

Projetos como Carro-Biblioteca, Arvoreteca e Barco-Biblioteca desempenham um papel fundamental ao levar a leitura a públicos frequentemente marginalizados pelas bibliotecas tradicionais. Independentemente de estarem mais próximos da biblioteconomia tradicional ou emergente, essas iniciativas criam espaços de escuta e pertencimento, aproximando as pessoas do livro e da leitura. Mais do que formar leitores, contribuem para a construção de uma sociedade mais consciente e crítica.

Portanto, é fundamental ampliar a visibilidade desses projetos para que possam obter maior apoio financeiro e voluntário, garantindo sua continuidade e impacto social.

Referências

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ALMEIDA, Ítalo D'Artagnan. **Metodologia do trabalho científico**. Recife: Ed. UFPE, 2021.
Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/674>. Acesso em: 22 set. 2024.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 191-214, mai./ago. 2014. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/20000>. Acesso: 12 jan. 2025.

ALMEIDA, Marco Antônio de; CRIPPA, Giulia. Mediações artísticas e informacionais no contexto urbano: algumas reflexões e paradoxos. **Em Questão**, v. 17, n. 1, p. 127-142, 2011. Disponível em:
<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/8802>. Acesso em: 5 jan. 2025.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino. 2012. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:
<http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/11170>. Acesso em: 21 out. 2024.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; RABELLO, Rodrigo. Usuário e recuperação da informação: hiato ou ditongo? **LOGEION: Filosofia da Informação**, v. 9, p. Edição Especial-495, 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteconomia e sociedade**. Brasília, DF: CAPES : UAB; Rio de Janeiro, RJ: Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008, p.67-86.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007. 168p. p.33-45.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca Pública**: avaliação de serviços. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em:
http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/biblioteca%20publica_digital.pdf. Acesso em: 11 jan. 2025.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Ação cultural e protagonismo social. In: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/179224>. Acesso em: 11 jan. 2025.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SILVA, R. J.; SANTOS NETO, J. A. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

BASTOS, Jennifer Ester; SOUSA, Julia Maria de Jesus; SILVA, Pollyana Mattias Narciso; AQUINO, Rafael Lemes. O Uso do Questionário como Ferramenta Metodológica: potencialidades e desafios. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 623–636, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n3p623-636. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/304>. Acesso em: 7 set. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir José. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 29-41, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/59tSQqr4G9TjSBNBGdXnrrv/?format=html>. Acesso em: 9 abr. 2025.

CABRAL, Ana Maria Resende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, M. M.; CAMPELLO, B.; MOURA, V. H. V. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFGM, p. 39-45, 1999. Disponível em: <https://cfb.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Texto-acao-cultural.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2025.

CABRAL, Ana Maria Resende; DUMONT, Lígia Maria Moreira. O centro de extensão da escola de biblioteconomia da ufmg: uma trajetória voltada para o social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFGM**, v. 19, n. esp, 1990. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/71910>. Acesso em: 10 jan. 2025.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004.

DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em:

https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/9e0/leitura. Acesso em: 15 dez. 2024.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Programa Carro-Biblioteca: frente de leitura. In: DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; LOURENÇO, Cintia de Azevedo (Org.). **O Carro-Biblioteca da ECI/UFMG: 38 anos**. Belo Horizonte: Rona, 2012. p. 9-22.

DUMONT, Lígia Maria Moreira *et al.* O Programa Carro-Biblioteca: frente de leitura nos 65 anos da Escola de Ciência Da Informação da Universidade Federal De Minas Gerais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, p. 1-10, 2015.

ELIAS, Claudia de Souza Rodrigues *et al.* Quando chega o fim?: uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. SMAD, Rev. **Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 48- 53, abr. 2012. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762012000100008. Acesso em: 19 ago. 2024.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Inf. Pauta**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 1, p. 98-117, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3064>. Acesso em: 11 jan. 2025.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-8, set. 1980.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Rev. Esc. Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n.2, p. 145-169, set. 1983.

FONSECA, Maria Clara. **Biblioteca pública: da extensão à ação cultural como prática de cidadania**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2005.

FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. Instrumentos para atuar no mundo da vida: a leitura do mundo. In: **Mediadores de Leitura na Biodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 65-79.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Os conceitos dos termos Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 110-114, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2022. *E-book*.

GOMES, Henriette Ferreira. A biblioteca pública e os domínios da memória, da mediação e da identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], p. 151–163, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22673>. Acesso em: 25 set. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 85-99, jan./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/t4k6pt7pb4gTPXt5yWDSzqD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 de jan. 2025.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. **Revista OWL (OWL Journal) - Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, v. 1, n. 2, p. 149–159, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8240361. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>. Acesso em: 7 set. 2024.

JARDIM, Débora Jardim. **O bibliotecário fora da biblioteca: ações culturais de incentivo à leitura e à escrita como instrumento na formação do leitor**. 2019. Monografia (Especialização em Teoria e Prática da Formação do Leitor) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1141>. Acesso em: 20 ago. 2024.

LIMA, Celly de Brito; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 2., p. 161-180, 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28319>. Acesso em: 12 jan. 2025.

LINDEMANN, Catia Rejane. **A busca pela biblioteconomia social por meio da ciência da informação**. 2014. 60 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/6000?show=full>. Acesso em: 13 jun. 2024

LINDEMANN, Catia Rejane; SPUDEIT, Daniela; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma Biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 707–723, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1211>. Acesso em: 25 jun. 2024.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giarett Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 165, p. 1044-1066, jul./set. 2017.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

MORAES, Marielle Barros de. Responsabilidade Social Bibliotecária (RSB): o que significa em tempos de rupturas democráticas? *In*: SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; MORAES, Marielle Barros de. (orgs.). **Biblioteconomia social**: epistemologia transgressora para o Século XXI. São Paulo: ABECIN, 2018. cap. 2, p. 49-76

MOTA, Andreza Moreira Nobre da. **Arvoreteca: biblioteca alternativa – uma experiência na cidade do Rio Grande, RS**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/5596>. Acesso em: 16 set. 2024.

MUELLER, Susana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

NOVIKOFF, Cristina. Proposições científicas e éticas aplicadas em entrevista e questionário. **Revista Valore**, v. 5, p. 5027, 2020.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. **A negociação cultural**: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-16102014-104805/pt-br.php>. Acesso em: 12 jan. 2025.

OGASSAVARA, Dante *et al.* Concepções e interlocuções das revisões de literatura narrativa: contribuições e aplicabilidade. **Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 8-21, 2023.

OLIVEIRA-DELMASSA, Heloá Cristina; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação em projetos de incentivo à leitura. *In*: **ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 18., 2017, Marília: Universidade Estadual Paulista (Unesp). Anais Informação, Sociedade e Complexidade. Marília: Portal de Conferências, 2017. 22p. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/46. Acesso em: 19 dez. 2024.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v.5, n. 3, p. 1-16, out. 2004.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Bibliotecas públicas: políticas do Estado brasileiro de 1990 a 2006**. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-7HUKTJ?mode=full>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PAJEÚ, Hélio Márcio; LIMA SANTOS, Wérleson Alexandre de. Por uma promoção democrática e dialógica da leitura. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 26, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/160594>. Acesso em: 16 dez. 2024.

PERROTTI, Edmir. Mediação Cultural: além dos procedimentos. In: SALCEDO, Diego Andres (Org.). **Mediação Cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RASTELI, Alexandre. **Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/092c496a-e9e3-4ae6-b817-fba5a9235a76>. Acesso em: 11 dez. 2024.

RABELLO, Rodrigo. Estudos sobre usuários e não usuários de informação: uma proposta alternativa. **Open Information Science**. v. 7, n. 1, p. 20220153, 2023. doi: <https://doi.org/10.1515/opis-2022-0153>. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/44735/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SANTOS, Ana Paula Lima dos; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. [S. l.], v. 9, n. 2, p. 116–131, 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 7 set. 2024.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. In: **Mediação de Leitura? Discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009. p. 37-45.

SANTOS, Stéfanny. **Mapeamento do tema "biblioteconomia social" como subsídio para a compreensão do valor social e institucional do documento na Ciência da Informação**. Brasília: UnB, 2023. Relatório Final de Iniciação Científica – PROIC/UnB. Orientador: Prof. Rodrigo Rabello.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 1, junho, 1977.

SILVA, José da Silva; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação: perspectivas conceituais em educação e ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 71–84, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22559>. Acesso em: 24 dez. 2024.

SILVA, Lorrane Stéfane; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SALGE, Eliana Helena Corrêa Neves. Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas. **Artigo Original**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 110-122, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/46/38>. Acesso em: 6 abr. 2025.

SILVA, Sabrina Vaz da; OLIVEIRA, Flávia Reis de; NOGUEIRA, Rafaela Dala Riva. Arvoreteca: incentivando a leitura. In: **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB**. 2017. Disponível em: <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/cbbd2019/article/view/1868>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 52-66, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/04.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024

SIQUEIRA, Thiago Giordano de Souza. Ação cultural de mediação de leitura em comunidades ribeirinhas no Estado do Amazonas: relato de experiência da Expedição Barco Biblioteca. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 15, p. 68–83, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1217>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho do. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1396–1416, 2020. DOI: 10.34019/2237-9444.2020.v10.31559. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559>. Acesso em: 31 ago. 2024.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/JJCz6RKQhDZNGG6yVdL9pQP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2024.

TANUS, Gabrielle Francinne; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista: mapeamento da produção científica nacional e internacional. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, [S. l.], v. 3, p. 1–28, 2019. DOI: 10.21680/2447-0198.2019v3n0ID18371. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/18371>. Acesso em: 2 set. 2024.

TANUS, Gabrielle Francinne. Da prática à produção do conhecimento: bibliotecas e biblioteconomia pré-científica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 16, n. 3, p. 254-273, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/download/8651364/pdf/39701>. Acesso em: 10 dez. 2024.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza. A biblioteconomia como ciência social. In: SPUDEIT, Daniela; MORAES, Marielle de (Org.). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018. p. 77-93.

ZILBERMAN, Regina. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, V. H. (org.). **Estado de leitura**. São Paulo: Associação da Leitura do Brasil, 1999. p. 31-46.

APÊNDICE A

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS – QUESTIONÁRIO

Cabeçalho do formulário

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa intitulada “Projetos de incentivo à leitura no âmbito da biblioteconomia social”, desenvolvida por mim, Stéfanny Santos, graduanda em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília, orientada pelo Dr. Rodrigo Rabello, com o objetivo de analisar as percepções e experiências dos responsáveis por projetos de incentivo à leitura, focando na avaliação dos impactos dessas iniciativas nas comunidades atendidas e no entendimento dos responsáveis sobre temas de biblioteconomia social, incentivo à leitura e mediação. A pesquisa busca explorar como essas ações são planejadas e executadas, destacando os resultados alcançados no contexto social em que se inserem.

Sua participação será voluntária, individual e anônima, por meio do preenchimento de um questionário, cujos dados serão tratados com confidencialidade. A qualquer momento da pesquisa, o(a) Sr.(a) poderá desistir de participar, sem qualquer prejuízo.

Antes de iniciar as respostas, para fins de esclarecimento, é relevante apresentar a descrição dos conceitos utilizados na pesquisa e mencionados em algumas perguntas:

“Mediação da informação”

“Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.” (Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, 2015).

“Biblioteconomia social”

“Concluí a Biblioteconomia Social como “[...] preceito na interação entre bibliotecas e sociedade, tornando-se assim uma unidade de nível cognitivo em que se reconhece que só podem existir bibliotecas onde há sociedade”. Ou seja, tudo que se relaciona direta ou indiretamente às instituições de biblioteca no contexto da sociedade pode ser considerado como assunto geral ou específico. É por isso que a sociedade como um objeto de pesquisa sociológica é o tema de estudo de muitas disciplinas sociais e humanistas, e a Biblioteconomia, como ciência social, não é uma exceção a este respeito (Catia Lindemann, 2014)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1 - Você participa ou participou de algum desses projetos?

- ☐ Barco-Biblioteca
- ☐ Arvoreteca
- ☐ Carro-Biblioteca

2 - Você é bibliotecário?

- ☐ Não

Se não é bibliotecário, qual a sua profissão/ocupação? _____.

- ☐ Sim

Se é bibliotecário, qual a área de atuação dentro da biblioteconomia? _____.

3 - Há quanto tempo você exerce a profissão de bibliotecário?

- ☐ Menos de dois anos
- ☐ Entre dois e cinco anos
- ☐ Entre cinco e dez anos
- ☐ Mais de dez anos

4 - Quais atividades são realizadas nas comunidades atendidas pelo projeto? Poderia descrever um pouco sobre essas ações e seus objetivos?

_____.

5 - Quais são, na sua opinião, as principais dificuldades enfrentadas na execução das atividades do projeto? Poderia falar um pouco mais sobre isso?

_____.

6 - Como essas atividades são planejadas? Quem projeta, executa e/ou orienta o planejamento das ações? Há algum tipo de acompanhamento ou contribuição externa? Traga, por gentileza, detalhes.

_____.

7 - Como você avalia a receptividade dos participantes em relação às atividades desenvolvidas? Fale um pouco mais sobre a relação da equipe com a comunidade atendida.

_____.

8 - Você acredita que o projeto pode ajudar na construção de um conhecimento coletivo e na troca entre os participantes? Como?

_____.

9 - Na sua avaliação, quais são os pontos fortes e os pontos fracos do projeto? Justifique sua resposta.

_____.

10 - Na sua opinião, quais são as principais características da “biblioteconomia social”, considerando-a como uma forma de atuação na comunidade em situações de vulnerabilidade social?

_____.

11 - Considerando que as atividades de incentivo à leitura, enquanto processo de mediação, integram a chamada “biblioteconomia social”, quais são as principais contribuições que um bibliotecário e/ou incentivador de leitura pode oferecer a um projeto dessa natureza? Justifique sua resposta.

_____.

12 - É possível dizer que o mediador incentivador de leitura é um profissional neutro? Justifique sua resposta.

_____.

13 - Você gostaria de acrescentar mais alguma informação ao seu depoimento? Há alguma coisa que não foi perguntada e que você julga importante falar?

_____.

APÊNDICE B

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TEXTOS RECUPERADOS NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

BRAPCI
TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista. Revista Informação na Sociedade Contemporânea , v. 3, n. 1, p. 1-28, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123997 . Acesso em: 10 abr. 2022.
BLACK, Kimberly. Justiça social e biblioteconomia e ciência da informação antirracista. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação , n. esp., 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/197217 . Acesso em: 12 mar. 2022.
OLIVEIRA, Flávia Reis de; SILVA, Sabrina Vaz da; NOGUEIRA, Rafaela Dala Riva. Biblioteconomia social por meio do projeto de extensão: “Arvoreteca - incentivando a leitura”. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 13, p. 2104-2118, 2017. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5068 . Acesso em: 20 mai. 2022.
LINDEMANN, Catia Rejane; SPUDEIT, Daniela Fernanda dos Anjos de Oliveira; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , v. 21, n. 3, p. 707-723, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/61135 . Acesso em: 22 mai. 2022.
BDTD
FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo. O estímulo à leitura em bibliotecas prisionais por meio do desenvolvimento de dinâmicas culturais . 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.
VIEIRA, Camila Conceição Barreto. Mediação cultural e incentivo à leitura em escola pública: a democratização do conhecimento para alunos do 7º ano do Colégio Estadual Olavo Bilac . 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/14427 . Acesso em: 6 abr. 2022.

Google Acadêmico
ESTEVES, Tauane Fonseca. A contribuição das agentes sociais na construção de bibliotecas comunitárias no DF . 2020. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/27038 . Acesso em: 6 mar. 2022.
MOREIRA, Cesar dos Santos; OLIVEIRA, Dalgiza Andrade; PAIVA, Marília de Abreu Martins de. Perspectivas da Agenda 2030 para as bibliotecas públicas. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação , n. forped-ppggoc, 2021. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/171015 . Acesso em: 8 abr. 2022.
LINDEMANN, Catia Rejane. 2014. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.
SPUDEIT, Daniela Fernanda dos Anjos de Oliveira; MORAES, Marivalde Bonfim de (Orgs.). Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o Século XXI . São Paulo: ABECIN Editora, 2018. 278 p. (Coleção Estudos ABECIN; 7). ISBN: 978-85-98291-16-1.
PEREIRA, Patrícia Mallmann Souto; FELIPE, Chiara Carla Beatriz Marques. Biblioteconomia social e descolonização do saber: a formação de acervos de bibliotecas como prática de mediação da informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO , 29., 2022, Online. <i>Anais do...</i> [S. l.]: FEBAB, 2022. v. 1.
PEREIRA, Patrícia Mallmann; FELIPE, Carla Beatriz Marques. Movimento da biblioteconomia social: uma análise da literatura em português, espanhol e inglês. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO , 29., 2022, Online. [S. l.]: FEBAB, 2022. v. 1. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/193138 . Acesso em: 12 ago. 2022.
TANUS, Gabriela da Silva Caldeira. Institucionalização da Biblioteconomia Progressista e Crítica. Em Questão , Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 432-457, jan./mar. 2021. DOI: https://doi.org/10.19132/1808-5245281.432-457 . Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/109063 . Acesso em: 15 set. 2022.
DUARTE, Yaciara Mendes. A Sociedade da Desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da Biblioteconomia Social. In: Bibliotecário do Século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade . Brasília: [s.n.], 2018. cap. 4
LINDEMANN, Catia Rejane. Biblioteconomia social: missão bibliotecária. Mural Interativo do Bibliotecário , 2015.

RAMOS, Regina Alexandre. Biblioteconomia social no Brasil : o estado da arte . São Cristóvão, 2022. Monografia (graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022
LOBO, Marcelo de Souza; VALLS, Valéria Martins. Biblioteconomia Social nas produções científicas nacionais: uma abordagem na indexação com a utilização dos termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia. Revi
SANTA ANNA, Jorge; COSTA, Maria Elizabeth de Oliveira da; SILVA, Edcleyton Bruno Fernandes da. Reflexões Iniciais. In: SANTA ANNA, Jorge <i>et al.</i> (Org.). Biblioteconomia Social: possíveis caminhos para construção da cidadania . Belo Horizonte: ABMG, 2018.
CHAFFIN, Rafael de Souza. Bibliotecas em instituições socioeducativas no contexto da biblioteconomia social: o caso da Biblioteca Cláudio Tourinho Saraiva no Rio de Janeiro . 2021. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
SANTIAGO, V. D. Inclusão digital para comunidade da terceira idade: curso de informática básica. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , [S. l.], v. 13, p. 228–244, 2017.
FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Vamos falar de nova Biblioteconomia? In: Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB . 2017.
MOREIRA, M. A. A.; ALMEIDA, V. G. Descolonizando a Justiça, Democratizando a Informação: apontamentos sobre cárcere e bibliotecas prisionais. Folha de Rosto , v. 7, n. 1, p. 48-84, 27 abr. 2021.
LOPES, Glória Maria Soares Soares. UFT e a leitura: promovendo a leitura de qualidade e a inclusão social. XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação , Fortaleza - CE, v. 27, 2017.
LOBO, M. de S.; VALLS, V. M. Biblioteconomia Social nas produções científicas nacionais: uma abordagem na indexação com a utilização dos termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia. Revista ACB , Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1–29, 2023. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1876 . Acesso em: 9 abr. 2025.
ESCALANTE, Isadora Cristal; FERNANDEZ, Maria Aparecida Arias; RODRIGUES, Thais dos Santos. A participação das bibliotecárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

(RNBC) na incidência política: um relato de experiência. XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação : Desigualdade e democracia: qual o papel da biblioteca?, Vitória - ES, v. 28, 2019.
CRIPPA, Giulia. Genealogia da biblioteconomia e da biblioteca “social”: Gabriel Naudé e o discurso libertino. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , [S. l.], v. 14, n. 3, p. 41–59, 2018. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1177 . Acesso em: 14 abr. 2022.
MIGUEL, Marcelo Calderari. Relato biblioteconômico de experiência sobre o curso Direitos Humanos para Transformação Social. 29º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação , [S. l.], v. 1, 2022
ARAÚJO, Adília Batista de; PEREIRA, Patrícia Mallmann S.; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza. A mediação de leitura num contexto de biblioteca comunitária: a experiência da Biblioteca a Céu Aberto do projeto de extensão Biblioteca Comunitária na Vila Residencial da UFRJ. 27º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação , Fortaleza - CE, v. 27, 2017.
SOUZA, Bárbara Assis de. Bibliotecas públicas e inclusão social: práticas de ação cultural . 2017. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2017.
SIQUEIRA, Thiago Giordano de Souza. Ação cultural de mediação de leitura em comunidades ribeirinhas no Estado do Amazonas: relato de experiência da Expedição Barco Biblioteca. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , São Paulo, v. 15, p. 68–83, 2019. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1217 . Acesso em: 15 abr. 2022.
SCOPUS
GALIANO, Alessia. <i>Libraries between liquid modernity and 'ipercultura': Reflections and proposal from Apulian Community Libraries</i> . <i>Associazione Italiana Biblioteche, Italy</i> , v. 59, p. 453 - 464, dez. 2019.
GALLUZZI, Anna; FAGGIOLANI, Chiara. <i>Beyond 'impressionability' and ideology: The 'narrative turn' and the analysis techniques for 'social librarianship'</i> . <i>Associazione Italiana Biblioteche, Roma, Italy</i> , v. 57, p. 445 - 465, 2017.
DI DOMENICO, Giovanni. <i>A Plural Identity for the Public Library In : The Identity of the Contemporary Public Library : Principles and Methods of Analysis, Evaluation,</i>

<i>Interpretation [en ligne]</i> . Milano : Ledizioni, 2016.
MENESES TELLO, Felipe. <i>Libraries and society: interpretation about the social vision of the library science in the thought of Judith Licea</i> . Rev. Interam. Bibliot. 2010, vol. 33, n.2, p p.315-336.
LISTA
Civallero, Edgardo <i>Aproximación a la bibliotecología progresista. El profesional de la información</i> , 2013, vol. 22, n. 2, p p. 155-162.

APÊNDICE C

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TEXTOS RECUPERADOS NA PESQUISA
SOBRE INCENTIVO À LEITURA

BRAPCI
OLIVEIRA-DELMASSA, Heloá Cristina; ALMEIRA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação em projetos de incentivo à leitura. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18, ENANCIB, out. 2017. Marília. Anais [...] . São Paulo: UNESP. 2017. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104094 . Acesso em: 19 ago. 2024.
PIMENTA, Jussara Santos; CAVALCANTE, Fernanda de Oliveira Freitas; VIANA, Gizele de Melo. Aventuras na biblioteca clarice lispector: ação colaborativa no espaço do ifro – campus cacoal. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina , v. 24, n. 1, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/112552 . Acesso em: 17 ago. 2024.
LIMA, Izabel França de; <i>et al.</i> Além dos livros: a biblioteca pública enquanto espaço de inclusão, ação e interação. Inclusão Social , v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/134762 . Acesso em: 17 ago. 2024.
CORREA, Cintia Chung Marques; DORO, Fernanda Gonçalves. Origem e trajetória do plano nacional do livro e do material didático e a relação com o desenvolvimento de formação de leitores. Biblioteca Escolar em Revista , São Paulo, Brasil, v. 9, n. 1, 2023. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/225724 . Acesso em: 17 ago. 2024.
CONCEICAO, Cristiano Sardá da; EGGERT-STEINDEL, Gisela. Leitura e práticas formadoras de leitores: percepções dos bibliotecários do instituto federal de santa catarina (ifsc) – câmpus da região da grande Florianópolis. InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação , Ribeirão Preto, Brasil, v. 12, n. 2, p. 70–88, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v12i2p70-88. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/168519 . Acesso em: 18 ago. 2024.
RASTELI, A. Mediações leitoras e serviços de extensão em bibliotecas como estratégias de desenvolvimento cultural com o público infantil. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação , v. 17, n., 2021. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/168985 . Acesso em: 18 ago. 2024.
VIANA, Gizele; CAVALCANTE, Fernanda de Oliveira Freitas; PIMENTA, Jussara Santos.

Caminhos da leitura: a experiência da tenda de leitura no instituto federal de Rondônia campus Cacoal. **Revista Fontes Documentais**, v. 2, n. 3, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/255781>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BDTD

MATTOS, Elton Ferreira de. **As ações do Projeto de Extensão Carro-Biblioteca da UFOP na mediação da leitura literária**. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOP_b1270a837fd69c34bd9c0040d35b409b. Acesso em: 19 ago. 2024.

GASPAR, Gabriel Gonçalves. **O incentivo à leitura e seus impactos: o Programa SESI Cidadania e a Biblioteca do Morro do Andaraí**. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FGV_f184c22feebb403885e5fa4fedabee15. Acesso em: 19 ago. 2024.

FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo. **O estímulo à leitura em bibliotecas prisionais por meio do desenvolvimento de dinâmicas culturais**. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_b792b1e957198b59dbd5f5241a70201b. Acesso em: 19 ago. 2024.

STOCKER, Claudia Teresinha. **A arte de contar histórias como ferramenta na formação de leitores na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe : projetos implantados de 2007 a 2018**. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_cf7919c7c78718d356f54803944aa2cf. Acesso em: 19 ago. 2024.

Google Acadêmico

BAÍÁ, Murilo Fonseca; CONDURÚ, Marise Teles. Histórias em quadrinhos como ferramenta de incentivo à leitura: Um estudo de caso sobre a gibiteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna em Belém do Pará. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.

27, n. 1, p. 6, 2022. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8403432>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FERNANDES, Cleide Aparecida *et al.* Exposições literárias itinerantes: incentivo à leitura literária nas bibliotecas públicas municipais de Minas Gerais. In: **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB**. 2019. Disponível em: <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/cbbd2019/article/view/2107>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DOS SANTOS, Jeane Gomes *et al.* BIBLIOCINE: uma proposta de valorização do cinema nacional e incentivo à leitura no Instituto Federal de Sergipe. In: **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB**. 2019. Disponível em: <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/cbbd2019/article/view/2011>. Acesso em: 20 ago. 2024.

JARDIM, Débora Jardim. **O bibliotecário fora da biblioteca: ações culturais de incentivo à leitura e à escrita como instrumento na formação do leitor**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1141>. Acesso em: 20 ago. 2024.

COELHO, Salieri da Silva. " **Gelatecas" do município de Conde-PB: incentivo à leitura através de uma ação sustentável**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22190>. Acesso em: 21 ago. 2024.

AMORIM, Livia dos Reis; MACEDO, Flávio Xavier de; CENTURION, Diosnel. Biblioteca cultural itinerante: uma possibilidade de incentivo à leitura e a cultura. **REVES - Revista Relações Sociais**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 14530–01e, 2022. DOI: 10.18540/revesv5iss4pp14530-01e. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/14530>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GRAVEM, Francini Guimarães. **Ações culturais como meio de incentivo à leitura: um estudo de caso da Biblioteca Pública Municipal Júlio Costa**. 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253793>. Acesso em: 21 ago. 2024.

REIS, Vanessa Almeida Ramos dos. **A biblioteca pública no processo de mediação da leitura: o caso da biblioteca pública de Ananindeua “Professora Therezinha Gueiros”**. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/563>. Acesso em: 13 ago. 2024.